Voz das Misericórdias

Diretor Paulo Moreira /// ano XXXIV /// Janeiro de 2019 /// publicação mensal /// Gratuito

'Misericórdias vão ser os agentes da mudança'

02

Na entrevista anual ao VM, o presidente da UMP reflete sobre temas transversais às Misericórdias e ao setor social. Sobre envelhecimento e cuidados aos idosos, Manuel de Lemos defende que a articulação entre ação social e saúde é inevitável. 'Não é possível manter por muito mais tempo esta separação'. Cooperação com o Estado, sustentabilidade e lei de bases da saúde também foram tema desta conversa anual com o Voz

18

TOMADAS DE POSSE
RENOVAÇÃO E NOVAS COMPETÊNCIAS

Em vários pontos do país, centenas de irmãos elegeram os órgãos sociais das Misericórdias para o próximo quadriénio (2019-2022). Depois do voto nas urnas, em finais de 2018, o primeiro mês de 2019 foi marcado por dezenas de tomadas de posse, solenizadas por rituais definidos nos Compromissos (juramento, assinatura do auto de posse, etc) e momentos culturais e religiosos, na presença de representantes dos poderes locais, eclesiásticos e sociedade civil. Um ato simbólico, revestido de especial significado para os dirigentes cessantes e também para aqueles que agora assumem o desafio de conduzir os destinos das instituições.

Refletir sobre a missão com arte

22

As Misericórdias retomam a sua ligação às artes plásticas, investindo em telas que interpretam temas ligados à sua história e identidade, no âmbito da terceira fase do projeto de Arte Contemporânea, promovido pela União das Misericórdias Portuguesas e Cooperativa Árvore. A apresentação e sorteio das telas, inspiradas nas obras de misericórdia "rogar a Deus por vivos e defuntos" e "dar abrigo aos peregrinos", aconteceu a 17 de janeiro.

10 SR SANTARÉM

1200 pessoas em evento de ano novo

Secretariado Regional de Santarém promoveu um espetáculo de Ano Novo que reuniu as Santas Casas do distrito.

15 PONTE DA BARCA

Recuperar a memória do antigo hospital

A Santa Casa da Misericórdia de Ponte da Barca organizou uma exposição para recuperar a memória do antigo hospital.

16 MIRANDELA

Oferta de artesãs para enaltecer os 500 anos

Artesãs reinterpretam imagem de Nossa Senhora das Misericórdias para evocar 500 anos da Santa Casa de Mirandela.

26 AGENDA 2030

'Uma visão comum para a humanidade'

'Todos têm um papel a desempenhar' é o apelo da ONU a propósito dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável.

Manuel de Lemos

‘Misericórdias vão ser os agentes da mudança’

Na entrevista anual ao VM, o presidente da UMP reflete sobre temas transversais às Misericórdias e ao setor social em geral. Sobre envelhecimento e cuidados aos idosos, Manuel de Lemos defende que a articulação entre ação social e saúde é inevitável

TEXTO **BETHANIA PAGIN** FOTOGRAFIA **MIGUEL NASCIMENTO**

Já há data para assinatura do compromisso de cooperação para o biénio 2019-2020?
Normalmente o compromisso de cooperação negociado nos meses de fevereiro e março. Como sabe, o mais que justíssimo aumento do salário mínimo nacional tem impacto nas contas do ano seguinte. Ora, os pagamentos são feitos até ao dia 30 e as contribuições vão para a Segurança Social até ao dia 10. Isso que dizer que só a partir do dia 10 de fevereiro é que o Estado está em condições de começar a avaliação deste impacto. Se pensarmos em 15 ou 20 dias para fazer essa avaliação, faz todo o sentido que comecemos a negociação a partir daí, embora esteja sempre assegurado que as atualizações aos acordos são retroativas ao mês de janeiro. Além disso, este ano estaremos perante um mero indicador.

Como está a decorrer esta negociação com o governo?
A negociação com o governo ainda não começou, mas já tivemos algumas conversas exploratórias. Quer nós, quer a CNIS e, julgo, outros parceiros da área da cooperação. Falámos sobre aquilo que é a realidade hoje e o que nos preocupa. Estas conversas decorreram com o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. Falta agora um trabalho idêntico com a saúde e a educação.

Na última assembleia geral fez referência ao compromisso de cooperação afirmando que os termos do documento poderão ter de ser discutidos pelo Conselho Nacional da UMP. A posição ainda é a mesma?
Estamos numa situação particularmente difícil ao nível da sustentabilidade. Isto é, os aumentos que se registaram nos últimos anos nunca foram suportados pelos acordos. Se pensarmos que, quando iniciámos a cooperação há 20 anos, era suposto que os valores da comparticipação se situassem em torno dos 50 por cento do custo da resposta e se pensarmos que hoje um idoso que custa cerca de 1100 euros numa instituição recebe uma comparticipação de cerca de 380 euros, percebemos que estamos abaixo dos 35 por cento. Há uma enorme décalage e por isso não admira que as instituições estejam com esta dificuldade. É óbvio que não pretendemos, não seria possível e somos razoáveis, recuperarmos este atraso em um ano, mas é necessário inverter esta situação que tem consequências nefastas para as pessoas. Já nem falo das instituições, mas de pessoas de quem cuidamos e das pessoas que trabalham para nós. Esta décalage coloca-nos numa posição em que estamos sempre e continuamente a por em causa a qualidade dos serviços.

O Secretariado Nacional vai então pedir ao Conselho Nacional que se pronuncie sobre este tema?
O que eu disse na assembleia geral é que há duas grandes questões que me preocupam muito na área social. Uma é esta da sustentabilidade. A outra é a maneira como o Estado tem encarado a fiscalização junto das instituições, que estão a ser alvo de uma inquirição permanente. Penso que não há setor mais escrutinado na sociedade portuguesa que o setor social. O que está a acontecer é um excesso, é um exagero. A cooperação não se limita à fiscalização e a forma como alguns agentes do Estado, e nisto salvaguardo os decisores políticos, estão a encarar a cooperação é completamente inaceitável. Isto não é um pensamento só meu, mas também dos presidentes da CNIS, da Confecoop e da União das Mutualidades. Se o Secretariado Nacional considerar que estas duas questões não estão minimamente salvaguardadas, então faz sentido convocar um Conselho Nacional e até uma assembleia-geral.

Em que área considera que o impacto desta décalage penaliza mais as Misericórdias: na ação social ou na saúde?
Nesta fase, muito claramente a área da ação social, embora também nos cuidados continuados seja necessária uma correção de valores do conjunto da rede nacional, especialmente na longa duração. Se olharmos para o universo das Misericórdias, é na área da segurança social que os problemas de sustentabilidade se colocam de maneira mais premente.

UMP e Misericórdias têm vindo a defender um novo paradigma de apoio domiciliário, mas os exemplos de inovação nesta área ainda são escassos. O que tem dificultado os avanços nesse sentido?
O Estado, na medida em que tem a consciência de que é necessário mudar de paradigma, assume essa necessidade, mas depois, quando vamos traduzir isso em compromisso, o Estado, invocando questões de ordem financeira, acaba por não mudar paradigma nenhum. Têm sido feitas coisas muito interessantes no país, por Misericórdias e outras instituições, e essas experiências, embora pontuais, mostram que é possível fazer de outra forma. O que começámos a fazer no âmbito do projeto de capacitação, e continuamos a fazê-lo, é trabalhar com vários grupos de trabalho, de instituições diferentes, no sentido de criar um conjunto de propostas sólidas que confrontem o Estado. Quer ou não quer? Este trabalho está a ser desenvolvido por causa das pessoas, não por causa das instituições. Tudo o que fazemos é por causa das pessoas e é por causa das pessoas que temos esta permanente inquietação. O que nós achamos é que os recursos que o Estado coloca à disposição do setor social no seu conjunto vão começar a deixar de fora muitas pessoas porque a demografia é inexorável. Não pára só porque o governo não tem dinheiro ou disponibilidade. Todos os dias aumenta a percentagem das pessoas mais idosas e das pessoas idosas mais frágeis.

Uma das medidas de inovação é a articulação entre ação social e apoio de saúde. Há espaço para um modelo partilhado de apoio domiciliário?
Não é possível manter por muito mais tempo esta separação. É uma medida datada no tempo. Já acabou. Fico muito contente que as Misericórdias

Continue na página 4 ➤

► *Continuação da página 2*

já tenham percebido isso, fico muito contente que outras instituições também já tenham percebido isso. É inevitável que, no plano de envelhecimento e de cuidados aos idosos, a segurança social e a saúde trabalhem cada vez mais em conjunto, de forma interativa. Temos a noção de que há técnicos que percebem isto, políticos que percebem isto, mas também temos a consciência de que muitas pessoas ainda não perceberam. Não perceber não vai resolver nada e as Misericórdias vão ser, mais uma vez, os agentes da mudança, que nesta área é uma necessidade absoluta.

Que outras áreas poderiam beneficiar deste tipo de partilha?
Trabalhar em conjunto vai certamente acarretar gastos mais racionais. Como de facto o dinheiro não abunda, se conseguirmos gastar menos ou com o mesmo dinheiro fazer mais, estaremos a servir mais pessoas.

A propósito de parcerias, foi recentemente constituído um ACE [agrupamento complementar de empresa]? Quais as vantagens desta iniciativa? Poderão ser integrados novos parceiros?
O ACE foi uma maneira que encontrámos, mais formal de, com o Montepio, que é um parceiro da economia social, obtermos ganhos na eficiência das nossas instituições. Da UMP, do Montepio, das Misericórdias e das Mutualidades. O Montepio deu aqui um grande exemplo e eu queria saudar o Dr. Tomás Correia e o Dr. Carlos Beato. Só podemos reforçar a economia social se trabalharmos em conjunto e a única forma de fazermos isso é deixarmos de querer ser protagonistas. Por isso convidámos outras pessoas para integrar a direção da ACE. Porque pensamos que outras pessoas podem ajudar-nos a acrescentar valor. Como se diz no futebol, a melhor defesa é o ataque, que aqui deve ser entendido como a inovação, a mudança, a modernidade. Fazer coisas novas. Se ficamos à defesa, passam tantas bolas ao lado até que uma entra. É neste sentido que estamos a trabalhar.

‘Não podem considerar que somos descartáveis’

Serviço público e serviço nacional. A distinção tem sido tema recorrente de debate no âmbito da saúde. Acha que na área social as Misericórdias têm de lidar com a mesma dificuldade?
Na área da segurança social este problema não se põe porque o Estado, há mais de 20 anos, assumiu que o prestador de cuidados são as instituições de solidariedade social. Portanto, este problema não existe. Na verdade, tudo o que fazemos é em nome do interesse público. Por isso é que somos entidades de utilidade pública. Tem havido por sucessivos ministros e secretários de Estado da segurança social uma grande compreensão sobre esta matéria. Alguns têm maneiras diferentes de abordar o assunto, mas isso são as idiossincrasias de cada um. Penso que para o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social é evidente que aquilo que as Misericórdias fazem está no domínio do interesse e da responsabilidade pública de assegurar bons cuidados sociais.

A propósito da distinção entre serviço público e serviço nacional, como avalia as propostas de Lei de Bases da Saúde?
Obviamente que não nos revemos numa lei de bases que nos afaste do mundo da saúde, onde atuamos há 520 anos. Não nos revemos nisso,

Obviamente que não nos revemos numa lei de bases que nos afaste do mundo da saúde, onde atuamos há 520 anos

pensamos que não é bom para os cidadãos e não podem considerar que somos descartáveis. Isto não existe nas sociedades modernas. Só pode pensar assim quem parou de pensar, quem está agarrado a ideologias ou a formas de pensar que são velhas, passadas. Penaliza-me fazer afirmações desse tipo até porque acresce que a proposta de lei de bases da saúde colide com outra lei de bases, que é a da economia social. A lei de bases da economia social foi votada, em 2013, por unanimidade na Assembleia da República e comete ao Estado a obrigação de, no planeamento das respostas, considerar a nossa capacidade instalada. Ora, toda a gente conhece a capacidade instalada que as instituições de economia social, nomeadamente as Misericórdias, têm em matéria de saúde. O que vão fazer às nossas unidades de cuidados continuados? Deitá-las fora? Mandá-las fechar? Ou estamos a falar apenas de hospitais? Porque quem pensa à antiga, quem pensa velho, quem pensa anti moderno, reduz a saúde aos hospitais. Isso é uma maneira retrógrada de pensar. Achamos que a lei de bases da saúde deve ser aberta e acredito que o governo, nomeadamente o primeiro-ministro, por quem tenho muita estima, perceba e saiba que nem estamos na saúde por favor, nem somos descartáveis.

‘A história está a dar-nos razão’

O ano de 2018 foi especialmente intenso no que respeita a denúncias da comunicação social sobre a gestão de IPSS em geral e Misericórdias em particular. A propósito do caso Raríssimas, na entrevista de 2018, fez referência a setores da sociedade portuguesa que não se reveem no modelo de cooperação atual. Quer comentar?
Penso que a história está a dar-nos razão. Continua a haver forças da sociedade portuguesa que não se reveem no atual modelo de cooperação, mas também continua a ser cada vez mais evidente a necessidade da presença das instituições de economia social no terreno. Aparentemente, muito do que tem vindo a ser publicado sobre a questão da Raríssimas vai acabar em nada ou quase nada. Não sei efetivamente o que se quis fazer com a Raríssimas e com algumas Misericórdias. Não faz sentido nenhum. Estamos a falar de 5500 instituições e estamos a lidar com pessoas. O saldo deste trabalho é infinitamente positivo e diante deste saldo só podem ser fait divers e procura de shares e likes que motivam este tipo de intervenções. A este propósito devo salientar a serenidade das Misericórdias dos Açores e do governo regional que foi o primeiro a tornar pública uma nota que repunha a verdade. Mas é neste mundo de fake news que vivemos. Temos de nos habituar, mas também temos de dizer continuamente às pessoas que as fake news existem e que são promovidas por algumas pessoas e alguns interesses.

‘Respondemos a um apelo que é nosso’

Montepio. A entrada das Misericórdias no capital social do banco pode ser considerada discreta ou mesmo diminuta?
Dizer isso é não perceber porque entrámos no Montepio. Desde a primeira hora que dissemos que não entrávamos no Montepio para salvar o banco. O banco estava salvo e o ministro das Finanças, Dr. Mário Centeno, foi muito claro nesta matéria. Entrámos no capital porque a Associação Mutualista entendeu, e muito bem, que era importante que ficasse claro para todos que o Montepio, de que ela é a grande acionista, é um banco de economia social. Não interessava tanto o montante, mas sim o sentido simbólico de entrar com mil euros para que isso ficasse claro. As Misericórdias deram uma resposta muito positiva e continuam a dar. Ainda hoje soube de mais uma Santa Casa que entrou no capital do Montepio.

Tem ideia de quantas Misericórdias entraram no capital do Montepio?
Não faço ideia. Penso que depois do congresso e com calma possamos vir a fazer esse trabalho que considero menos importante. Esse número pode ser importante para os jornalistas, mas para a União das Misericórdias Portuguesas não é. O que é importante é saber que respondemos a um apelo que é nosso. Temos defendido a economia social e termos dois bancos de economia social é muito positivo.

Como avalia o trabalho da Confederação Portuguesa de Economia Social até a data?
A confederação está a instalar-se com segurança. Estamos muito serenos e já começámos a contactar as autoridades portuguesas. Muito brevemente a nossa presença vai ficar mais evidente.

‘Aprendizagem que temos vindo a fazer’

Sobre o PQCAPI. A ideia inicial passava pela certificação das comunidades com base em critérios relacionados com o bem-estar dos idosos. O modelo atual parece mais voltado para critérios financeiros. Concorda? O que provocou essa alteração?
O PQCAPI não mudou. Desde o princípio que achamos que para assegurar essa qualidade era necessário preparar e melhorar as instalações de algumas Misericórdias. Se há lares e unidades de cuidados continuados que, construídos nos últimos 10 anos, são muito bons, também sabemos que há equipamentos mais antigos que precisam de ser reformulados. Com o envelhecimento da população e a explosão de novas patologias, como as demências, precisamos de recursos financeiros para conseguir o tal objetivo final que é melhorar a qualidade de vida das pessoas nas suas comunidades. É verdade que estamos a demorar mais tempo do que aquilo que fomos capazes de prever, mas temos todos grande inexperiência nesta matéria, embora comece a ver o fim deste percurso. Não é fácil, sobretudo porque estamos a falar de instâncias europeias que não sabem muito bem o que são as Misericórdias. Neste contexto, é natural que tudo aconteça um bocadinho mais devagar, mas estamos a tratar do assunto com a esperança de que em breve haja uma definição.

Qual é o ponto de situação da garantia de Estado necessária para a UMP avançar com o PQCAPI?
Tivemos uma reunião com o senhor secretário de Estado Adjunto e das Finanças, Dr. Ricardo Mourinho Félix, e encontrámos uma forma que é a IFD [Instituição Financeira de Desenvolvimento]. Sendo 100 por cento detida pelo Estado, a IFD prefigura em si própria uma garantia de Estado. Esta via pareceu-nos a todos mais fácil porque, se constituíssemos a garantia de Estado, essa própria garantia também teria de pagar juros. Trata-se da tal aprendizagem que todos temos vindo a fazer.

Dificuldades financeiras, rigor de gestão e centros de recursos partilhados. Este trinómio reflete uma ideia que há anos tem sido defendida pela UMP, mas ainda são poucos os exemplos de partilha de recursos (lavandarias, cozinhas etc) entre Misericórdias. Porque isso acontece?
É compreensível. Cada Misericórdia é um pequeno mundo, com os seus recursos humanos e os seus investimentos. Partilhar na sociedade por-

Continue na página 6 ►

► *Continuação da página 5*

tuguesa não é uma tradição. Os anglo saxónicos têm muito mais essa tradição de partilha e foi lá que nasceram os centros de recursos partilhados. Isto é um processo que ainda vai demorar uns 10 ou 15 anos e não podemos colocar o carro à frente dos bois. Temos de ir, com calma e resiliência, vendendo esta ideia, ano após ano, chamando a atenção para os bons exemplos nesta área. Mais cedo ou mais tarde vai ficar evidente para as instituições que é muito melhor ter centros de recursos partilhados ou outros mecanismos mais modernos que permitam assegurar que a gestão seja mais eficaz e mais eficiente. Todos estamos a dar passos neste sentido. O importante não é ter mais ou menos equipamentos. O importante é que as pessoas naquela comunidade, em proximidade, tenham cuidados e tenham emprego. Isso é que gera desenvolvimento local e nos faz cumprir a nossa missão. A gestão ser da própria instituição ou partilhada é o menos importante. O caminho é inexorável, vai ser percorrido, mas demorará o seu tempo.

‘Tentar intervir espreitando o futuro’

O ano vai ser de congressos. Um nacional e outro internacional em Macau. O que podemos esperar dos dois eventos?
Concentro-me sobretudo no nacional porque este sim é verdadeiramente importante para nós e hoje já temos 550 pessoas inscritas. É um sucesso absoluto. Temos gente de toda a sociedade portuguesa e também o patrocínio do senhor Presidente da República que fez questão de me dizer pessoalmente que vai à sessão de encerramento. Também a presença do senhor primeiro-ministro na sessão de abertura representa para nós um enorme suplemento de alma. Vamos ter oportunidade de discutir temas que são importantes, de fundo, como a sustentabilidade e o desenvolvimento, mas também questões de dia-a-dia, como a gestão e as tecnologias. Agrada-me muito que isso aconteça no Algarve. Embora as pessoas de Bragança tenham de atravessar o país inteiro para lá chegar e sendo o Algarve uma região muito cara por ser um destino de turismo, conseguimos, com o apoio do Secretariado Regional de Faro e da Câmara Municipal de Albufeira, encontrar um equilíbrio perfeito para que todos possam ir e participar. Estou convencido de que agora depende de nós porque no papel esse congresso já é um sucesso.

E Macau?
No caso de Macau o nosso papel é completamente diferente. A propósito dos 450 anos da Misericórdia de Macau, o irmão-provedor (uma expressão que considero muito bonita) entendeu que ficaria muito feliz se pudéssemos fazer lá uma reunião da CIM [Confederação Internacional das Misericórdias]. Coloquei o assunto aos meus colegas italianos e brasileiros e todos concordaram. Neste contexto, o irmão-provedor entendeu convidar um conjunto de provedores portugueses, italianos, brasileiros. Não faço ideia de quanto irão gastar, mas imagino que seja muitíssimo dinheiro. Acredito que é uma gentileza institucional, da Misericórdia de Macau e também do governo da República Popular da China, acolher tanta gente de Misericórdia e de tantas partes do mundo porque, além dos países que já referi, vão angolanos, são-tomenses, vai a Misericórdia de Paris, de Ozaka, do Luxemburgo etc. Quando me perguntaram qual foi o critério de escolha da Misericórdia de Macau, francamente não sei.

O ano também vai ser de eleições na UMP. Vai-se recandidatar?
Essa é uma pergunta completamente extemporânea (risos). Não sei, vamos ver. Enquanto os provedores me quiserem e eu próprio achar que posso ser útil para o movimento das Misericórdias, posso ter essa disponibilidade. Como sempre, no passado, foram os senhores provedores que me convidaram.

A propósito das eleições. Quase a terminar o primeiro mandato ao abrigo dos novos estatutos da UMP, como avalia as alterações na estrutura de funcionamento da União?
Queria começar por distinguir os trabalhadores da casa que são fantásticos. Temos momentos de maior ou menor agitação, mas isso faz parte. Temos trabalhadores muito capazes que têm ajudado muito as Misericórdias. No que respeita à estrutura, honestamente e à luz da atualidade, sinto que passámos do oito para o oitenta, como, aliás, vários provedores disseram. Eu estava muito dividido e hoje estou menos dividido.

Considerando o que sabe hoje, o que mudaria nos estatutos?
Temos cada vez mais de separar a gestão dos equipamentos anexos da UMP da gestão do apoio às Misericórdias, que é a razão de ser da União. Talvez seja avisado evoluir para outro modelo que consagre essa separação. Vários provedores defendem esta tese e tendo a concordar com eles. A forma jurídica interessa menos, o que me interessa mais é separar a gestão. A integração das anexas deveu-se ao facto de que, durante muito tempo, elas foram uma fonte de financiamento da própria União. Era uma forma de termos quotas mais baixas. Hoje, a propósito da tal décalage que referi no princípio, elas próprias vivem uma grande dificuldade e essa função está a perder-se. Em contrapartida não se perdeu a função do prestígio, da missão, da inovação que os equipamentos anexos e algumas iniciativas inovadoras que vão sendo desenvolvidas representam não só para as Misericórdias, mas também para a nossa credibilidade junto das comunidades e do Estado. Temos de refletir sobre isso.

Há espaço para novas alterações?
Há pouco falei sobre formas de pensar do passado. Acho que uma das coisas que caracterizou sempre as Misericórdias e também a sua União é tentar intervir espreitando o futuro e, portanto, ter disponibilidade para mudar, para mudar para melhor. Tenho uma equipa fantástica, absolutamente extraordinária, cuja maior qualidade, para além do trabalho que fazem e do exemplo que dão, é esta disponibilidade para darmos saltos para o futuro. Gosto de olhar para o futuro. Sempre. Como gostava de dizer uma grande amiga minha, Maria José Nogueira Pinto, “temos saudades do futuro”.

Mais cedo ou mais tarde vai ficar evidente para as instituições que é muito melhor ter centros de recursos partilhados

'De facto, perturbamos o sistema'

Esta é a 11ª entrevista que fazemos juntos e por isso proponho um desafio. Separei uma frase de cada uma das entrevistas e pedia-lhe que comentasse à luz da atualidade. Em 2009, sobre o desafio do ano, disse 'Manter a alma das Misericórdias é o que mais me preocupa. Por isso insisto tanto na identidade, na autonomia e na nossa filosofia. Mas também reconheço que é necessário apostar numa estrutura técnica'.
Dez anos depois, acho que conseguimos manter a alma das Misericórdias. O compromisso com a Igreja Católica resolveu completamente esta questão. Acho que a lei da economia social, quando nos separa das IPSS, é também o reconhecimento do Estado sobre a nossa identidade e natureza próprias. Sobre a estrutura técnica, já falamos muito hoje sobre isso...

Em 2010, sobre economia social: 'Persiste uma certa ideia política de que será mais fácil uma dicotomia, os bons e os maus. Por isso não somos fáceis, perturbamos o sistema'.
Eu hoje poderia dizer isso de forma diferente, somos o fiambre no meio da sanduíche (risos). De facto, perturbamos o sistema, mas tenho a convicção de que o nosso trabalho teve resultados positivos. A Confederação Portuguesa de Economia Social é prova disso. A lei de bases da economia social, que é de 2013, também.

Sobre a Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados em 2011: 'Em relação à rede de cuidados continuados temos um otimismo realista'.
Continuamos a ter. Não temos dúvidas nenhumas de que a rede é hoje um pilar essencial do Serviço Nacional de Saúde. Ainda há pouco dizia que temos cada vez mais de juntar a segurança social e a saúde. O otimismo ainda é realista porque o Estado não suporta os custos razoáveis, porque não há o número de camas que devia haver, porque devia haver maior disponibilidade para olharmos para os lares de idosos que hoje, com a mudança de perfil dos idosos, são cada vez mais unidades de cuidados continuados, mas mal pagos e alguns com péssimas instalações. Daí o PQCAPI. Pode-se ter muito carinho, mas tem de haver bons sistemas, bons serviços, boas instalações. Se não tivermos isso, estamos um degrau abaixo na escala da qualidade.

Em 2012, sobre voluntariado: 'Motivamo-nos muito por causas, mas faltam-nos as pequenas ações'.
É verdade e continuamo-nos a motivar por grandes causas, motivámo-nos todos por Pedrógão, por exemplo. Fomos todos a correr e depois arranjamos uma enorme discussão, como se de repente as pessoas fossem o que menos interessava e o que mais interessava é se o concurso foi bem realizado. Não faz sentido nenhum.

Sobre a frente parlamentar de apoio ao setor social criada no Brasil, na entrevista de 2013, disse: 'Se perguntarmos na Assembleia da República se as pessoas gostam das Misericórdias, todas dizem que sim, mas depois têm dificuldades em assumir isso'.
É o politicamente correto. Há dias ouvi uma declaração do novo ministro da saúde do Brasil e ele dizia que a frente parlamentar das Santas Casas no Brasil é fundamental para a sobrevivência do SUS [SNS brasileiro]. Em Portugal, a presença das Misericórdias é fundamental para a sobrevivência do SNS. A alternativa é matarem o serviço nacional de saúde que dizem defender. Como defendemos o SNS, acreditamos que a nossa presença é fundamental.

'É necessário compatibilizar inovação com história e olhar para uma Europa que se constrói nas comunidades, que é onde está a sua maior força', disse em 2014 sobre o modelo social europeu.
Verdade, simplesmente a Europa já viveu melhores dias. Temos o Brexit, a crise do Euro, os 'muros' para não deixar passar as pessoas, os populismos, mas apesar de tudo sou um europeísta convicto.

Sobre o compromisso bianual de cooperação em 2015: 'Haver disponibilidade não quer dizer que haja concordância'.
Exatamente, um compromisso é isso mesmo. Cada um ceder um pouco. O ótimo é inimigo do bom. Há pouco dizia-lhe que temos uma décalage de cerca de 15 por cento nas comparticipações. É completamente irrealista chegarmos junto do governo e dizer que só assinamos se aumentarem esses 15%. Seria de loucos. Não pode acontecer. O mais importante é haver um aumento aceitável, razoável, e deixarmos claro e expresso que aquele é o primeiro de vários aumentos. Aliás, não estou a dizer nada de novo porque o governo regional dos Açores fez isso em relação ao setor social.

Em 2016 sobre envelhecimento: 'É cada vez mais cinzento o ponto de clivagem entre resposta social e resposta de saúde'.
Já lhe disse isso hoje.

Mas eu não podia saltar o ano de 2016... Em 2017, sobre o setor social: 'Começam a surgir outros parceiros no terreno que aparecerão tanto mais depressa e com mais força quanto maior for a nossa inércia'.
Quando aparecem associações e grupos privados a organizarem-se para entrar em áreas que são tradicionalmente da economia social, isso é sempre resultado da nossa inércia. Como disse, a melhor defesa é o ataque. Se ficarmos à defesa, os outros vão avançando.

Em 2018 a propósito da opinião pública: 'Não podemos ficar cercados pelas redes sociais'.
Fake news e redes socias. Veja que tentaram imolar o ministro Vieira da Silva com a história da Raríssimas. Estou à vontade porque não sou do partido dele e posso dizer que é um homem sério, competente, digno, por quem tenho admiração e estima.
Agora, é muito interessante ouvir essa sua avaliação porque fica claro que ao longo dos anos tenho sido coerente. Um dos meus livros de cabeceira é 'Memórias de Adriano', de Marguerite Yourcenar. Ela contava que hesitou, quando decidiu escrever sobre Adriano, entre escrever um diário ou umas memórias e optou pelas memórias por uma razão muito simples: um homem de ação não tem tempo de escrever um diário. Um homem de ação escreve as suas memórias, se tiver tempo para isso, e fica sempre espantado quando se dá conta de tudo aquilo que fez. Hoje espantei-me um bocadinho. Obrigado por isso.

O mais importante é haver um aumento razoável e deixarmos claro que aquele é o primeiro de vários aumentos

Promover emoções positivas com cães

Tese de mestrado em Gerontologia Social mostra que a intervenção assistida por animais tem impacto positivo nas emoções dos idosos

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Murtosa A animadora sociocultural da Misericórdia da Murtosa, Ana Catarina Silva, acabou de apresentar os resultados de uma investigação, que realizou no âmbito do mestrado em Gerontologia Social e na qual se propôs avaliar qual o impacto que as intervenções assistidas por animais (IAA) causam nas emoções dos utentes institucionalizados na Santa Casa.

Para levar a efeito a investigação e de modo a poder ter dados mais concretos, a animadora sociocultural, que é também a responsável pelas IAA na Santa Casa da Murtosa, utilizou uma amostra de 14 pessoas divididas em dois grupos. Grupo de controlo, em que as atividades eram feitas sem a presença do animal, e o grupo experimental, em que as mesmas atividades se desenrolavam na presença da cadela Boo.

"O que nós pretendíamos medir era se havia um aumento das emoções positivas e diminuição das emoções negativas nos utentes que usufruem das IAA", começou por contar Ana Catarina Silva. "E na verdade", continua, "no grupo experimental houve efetivamente um aumento das emoções positivas e uma diminuição, estatisticamente significativa, das emoções negativas em relação ao grupo de controlo".

Nas intervenções com animais pressupõe-se que haja uma interação entre o animal e o utente, mas, no entanto, não é obrigatório que haja contacto físico. Segundo Ana Catarina Silva, muitas vezes a simples entrada do animal na sala faz com que os utentes fiquem logo "mais ativos, mais despertos, a conversarem uns com os outros", contudo, continuou a animadora sociocultural, estas reações "são muito difíceis de medir em termos de investigação".

Depois de analisados os dados, a técnica concluiu que "as IAA têm um impacto positivo nos idosos, especialmente nos institucionalizados". "A presença de emoções positivas ajuda-nos, no dia-a-dia, a lidar com situações menos boas e nós sabemos que quando ocorre a institucionalização é sempre um período difícil para os idosos, por isso trabalhar esta questão das emoções é muito importante para ajudarmos no processo de integração dos utentes nas instituições".

A técnica deixou ainda o alerta de que é necessário que as instituições estejam abertas para as intervenções assistidas com animais. "Porque a grande maioria dos utentes, principalmente os do meio rural, são pessoas que sempre tiveram vidas muito ligadas aos animais, porque é que a institucionalização não lhes permite depois ter esse contacto com animais? Temos de dar continuidade ao dia-a-dia deles", conclui.

Para a animadora sociocultural, esta investigação serviu para validar o trabalho que tem vindo a ser realizado nas IAA que considera ser "uma área emergente no nosso país".

Ana Catarina Silva e a sua cadela Boo, uma golden retriever de três anos, trabalham a área das IAA na Misericórdia da Murtosa desde 2016, depois de terem frequentado o curso da ÂNIMAS – Associação Portuguesa para a Intervenção com Animais de Ajuda Social, que as habilitou a desenvolver esta área de intervenção social.

Para além da cadela Boo, os idosos da Santa Casa têm diariamente a companhia de um pássaro, uma agapornis. A técnica considera que esta presença "é uma extensão da aposta que a instituição tem feito nas IAA", uma vez que "anda a saltitar nas mãos dos idosos".

Novo espaço dedicado à memória local

Seia A Misericórdia de Seia inaugurou, em dezembro, o Centro Interpretativo do Centro Histórico. O carácter dinâmico e interativo do novo espaço cultural convida, segundo nota da instituição, o visitante a "apreciar algumas referências ao edificado mais emblemático e mais antigo da cidade".

Constituído por fotografias, documentos diversos, imagens tridimensionais e painéis táteis, entre outros elementos, o Centro Interpretativo mostra a evolução do centro histórico e da cidade de Seia ao longo dos anos.

É através do friso cronológico que conseguimos "ver os elementos mais marcantes da história de Seia", refere a nota. A exposição da evolução da toponímia da cidade, com as sucessivas alterações de "Cea" até ao nome por que hoje conhecemos a cidade, é apontada pela mesma nota como um dos motivos "que vai prender o visitante".

Alcides Henriques, provedor, considera que este centro "é inovador" porque as pessoas podem "explorar e consultar a exposição de forma interativa, à sua medida e levando o seu tempo, para isso só precisam de usar os ecrãs táteis".

O Centro Interpretativo da Santa Casa de Seia assume-se como um espaço dedicado à história e à memória da cidade em que se inserem e complementam também as ações já desenvolvidas pelo espaço museológico da Misericórdia.

Preservar e valorizar o património local é uma preocupação da mesa administrativa da Santa Casa de Seia, como disse ao VM Alcides Henriques. "Não só damos importância ao património da instituição, mas também a todo o património que nos diga diretamente respeito, como é o caso da evolução da história da cidade, que agora está exposto, e do qual a Misericórdia fez parte e continuará a fazer".

O Centro Interpretativo de Seia localiza-se no centro histórico da cidade, num anexo adossado ao Solar dos Botelhos, edifício emblemático que pertence à autarquia local, tendo sido cedido à Misericórdia através de um "contrato de utilização", referiu o provedor da Misericórdia. VM

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Lourinhã

Quadros da igreja são alvo de estudo

Mais de 20 pinturas da Igreja da Misericórdia da Lourinhã foram estudadas por uma equipa multidisciplinar durante o mês de dezembro. Os investigadores utilizaram duas técnicas com as quais puderam analisar o desenho subjacente à pintura e saber os elementos que compõem cada cor das pinturas. O estudo dos quadros tem como objetivo principal dar a conhecer à comunidade o espólio artístico que a Misericórdia da Lourinhã possui.

Santa Cruz

Parceria para proteger o acervo

A Misericórdia de Santa Cruz depositou o seu acervo no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. O acervo é constituído por 530 monografias e publicações periódicas sobre temas como as Misericórdias, a assistências social, a educação, entre outros. Segundo a Santa Casa o tratamento documental da sua biblioteca vai acontecer "tão depressa que seja possível", de modo a estar disponível para consulta.

Divino Espírito Santo da Maia

Entrada diferente em campo

Os utentes do centro de atividades ocupacionais (CAO) da Santa Casa da Misericórdia do Divino Espírito Santo da Maia, nos Açores, participaram na abertura do jogo de futebol, a contar para a primeira liga portuguesa, que colocou frente a frente o Santa Clara e o Benfica. Foi a 11 de janeiro. Envergando umas camisolas que diziam "a diferença também faz parte do jogo", os utentes do CAO entraram em campo de mãos dadas com os jogadores da equipa titular do Santa Clara. A alegria e emoção marcaram esta entrada, "diferente", em campo.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS

700

Cerca de 700 pessoas estarão em Albufeira para participar no 13º congresso nacional das Misericórdias. O evento decorre entre os dias 7 e 10 de fevereiro, no Palácio de Congressos do Algarve, e pretende debater os desafios das Misericórdias e do setor social em Portugal.

26

Ao fecho desta edição eram 26 as Misericórdias que, após eleições, passaram a ser lideradas por novas mesas administrativas (ver páginas 18, 19 e 20).

34

Dedicado à saúde mental, o Centro de Apoio Social do Pisão está a celebrar 34 anos desde que a sua gestão foi assumida pela Santa Casa da Misericórdia de Cascais.

EDITORIAL

PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

Agentes da mudança

O ano que agora se inicia coloca às Misericórdias uma série de desafios e deixa antever algumas dificuldades acrescidas. Temos que insistir na necessidade de diálogo com os poderes públicos e com os nossos parceiros para defendermos os nossos valores e definirmos estratégias que nos permitam ser, mais uma vez, os agentes da mudança.

A capacidade de interpretar a realidade circundante e atuar proativamente é algo que integra o nosso ADN. É seguramente uma das razões da nossa longevidade e modernidade.

Reconhecemos e temos orgulho na nossa história longa de cinco séculos, que valorizamos enquanto património identitário onde alicerçamos a nossa capacidade de nos reinventarmos e, dessa forma, sermos permanentemente motores da mudança que é condição essencial para podermos continuar a ter um papel central na sociedade portuguesa.

Sermos motores da mudança é condição essencial para podermos continuar a ter um papel central na sociedade portuguesa

Temos pela frente novos desafios que o envelhecimento, a sustentabilidade da nossa gestão e a necessidade de novas respostas nos colocam diariamente e que nos impõem uma reflexão estruturada e estruturante que deve envolver todas as Misericórdias, assinalando o que de melhor e mais inovador estão a fazer, promovendo formas de trabalho partilhado e permanente troca de ideias e experiências.

Assim sendo, só seremos capazes de encontrar a estratégia necessária se estivermos convictamente empenhados em desenvolver e aprofundar um verdadeiro processo de mudança que deverá ser efetuado com rigor, não perdendo de vista o nosso compromisso com a sociedade e tendo sempre presente a nossa missão. VM

A VIDA DOS OUTROS

Obras espirituais de misericórdia

O sexto episódio do programa "A Vida dos Outros" é dedicado às obras de misericórdia espirituais, que orientam a ação das Santas Casas há mais de cinco séculos. Através do testemunho de sete instituições (Boticas, Bragança, Coimbra, Crato, Montijo e Vila Real), a UMP convida a refletir sobre os gestos de solidariedade que todos os dias se reinventam em função das necessidades da população. Refletindo sobre o tema, o presidente honorário da UMP considera que as obras de misericórdia espirituais colocam aos cristãos um desafio de adaptação à modernidade. "Os valores do espírito, a cultura, religião e o respeito por tudo o que ultrapassa a simples matéria e temporalidade são uma das necessidades do tempo moderno", disse Vítor Melícias. Assista em https://youtu.be/JODZL2SkVAs

Deixar marca positiva, justa e humana

Para estreitar laços, o Secretariado Regional de Santarém promoveu um espetáculo de Ano Novo que reuniu mais de 1200 pessoas

TEXTO **FILIPE MENDES**

Partilha O Secretariado Regional de Santarém da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) realizou, no passado dia 24 de janeiro, no Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas (CNEMA), um espetáculo de Ano Novo que envolveu a maior parte das Santas Casas daquele distrito.

O evento reuniu mais de 1200 pessoas, lotando por completo o grande auditório do CNEMA para assistir à peça de teatro 'Insónia', um espetáculo para brincar com coisas sérias, da autoria de Fernando Mendes.

Em "Insónia", o conhecido apresentador do programa 'O Preço Certo' encarna a personagem principal - e única - Custódio Reis, um vendedor de vinhos e de licores que vive 'afogado' em dívidas e créditos.

Pelo meio desta "Insónia", o público foi assistindo a alguns programas de televisão que Custódio vê para "chamar o sono", onde Fernando Mendes protagoniza momentos muito improváveis com alguns dos seus amigos e colegas de toda a vida.

Sensibilidade, genuinidade e qualidade foram os ingredientes usados pelo ator, conquistando todos quantos participaram, na sua maioria idosos, num verdadeiro espetáculo de humor inteligente e atual.

A iniciativa constituiu-se num momento de partilha, onde foram desenvolvidas "raízes fortes" entre as Misericórdias, através da confraternização de utentes, colaboradores e órgãos sociais, encontrando-se, assim, "a energia necessária para um ano de 2019 dinâmico e pleno em Misericórdia", afirmou ao nosso jornal Manuel Maia Frazão, presidente do Secretariado Regional de Santarém da UMP e provedor da Santa Casa da Misericórdia de Pernes.

"São nestes momentos de partilha que se encontram a energia e a motivação necessárias para que se continue a trabalhar, permitindo responder aos desafios e necessidades sentidas por forma a deixar uma marca positiva, justa e humana, que é a marca das Misericórdias".

"Este secretariado foi capaz de juntar, nesta segunda edição, 19 das 23 Misericórdias do distrito de Santarém, tendo sido possível sentir o calor humano de mais de 1200 pessoas", realçou, mostrando-se "orgulhoso" por ter promovido este evento, mais uma vez, e de o ter impulsionado, "passando da vontade à concretização".

Segundo disse, trata-se de "um exemplo positivo e concreto de cooperação que não pode passar despercebido".

"O Secretariado Regional de Santarém serve assim de modelo aos restantes do país, pela união e proximidade que conquistou com as diferentes Misericórdias que o integram", referiu ainda.

À margem deste evento, e questionado pelo Voz das Misericórdias sobre os principais desafios que se colocam este ano a estas instituições, Maia Frazão foi claro: "precisamos que o Estado português trabalhe mais em cooperação connosco, criando condições para que possamos fazer mais em prol das comunidades nas quais estamos inseridos".

Por outro lado, diz o responsável, as Misericórdias deverão encontrar novas formas de comunicar, "reafirmando o papel vital que têm

tido na sociedade", para além de continuar o caminho "da formação e capacitação dos técnicos e colaboradores e partilha de boas práticas".

Este evento teve o apoio do Secretariado Nacional da UMP, assim como de todas as Misericórdias que, por meio dos seus provedores e colaboradores, de uma forma ou de outra, trabalharam em prol deste evento. Destacam-se os provedores, que compõem este Secretariado Regional, António Paulo Rocha Alves Teixeira, da Misericórdia de Constância e António José Gouveia da Luz, da Misericórdia de Torres Novas, com quem, Manuel João Maia Frazão tem tido "gosto em trabalhar", garante.

"O grande propósito deste Secretariado é continuar a trabalhar para as pessoas que integram as Misericórdias, aproximando-as, construindo pontes e criando espaços e soluções para garantir maior proteção, segurança e bem-estar", concluiu.

De entre as várias individualidades presentes, o espetáculo contou com a presença do diretor do Centro Distrital de Segurança Social de Santarém, Renato Bento. Estiveram também representantes autárquicos e eclesiásticos da área de abrangência de cada uma das Misericórdias.

Nesta iniciativa estiveram envolvidas as Misericórdias de Abrantes, Alcanede, Almeirim, Azinhaga, Benavente, Cardigos, Cartaxo, Chamusca, Constância, Coruche, Entroncamento, Fátima/Ourém, Ferreira do Zêzere, Golegã, Mação, Pernes, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santarém, Sardoal, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha.

Águeda

Iniciar o ano com música e poesia

A Santa Casa da Misericórdia de Águeda deu as boas vindas ao ano novo com um espetáculo que juntou música e poesia. Do programa constou o "Natal português" de Eugénio Amorim, acompanhado ao piano por Filipa Cardoso e declamação de poemas de Natal por Luís Silva. O evento teve lugar na igreja da Borralha, no passado dia 13 de janeiro, e contou também com as atuações do grupo coral da Misericórdia promotora, do grupo Ré-Canto e do orfeão de Recardães.

Cerva

Comitiva para ver o 'The Voice Portugal'

Uma comitiva da Santa Casa da Misericórdia de Cerva, constituída por dirigentes, colaboradores e familiares, assistiram ao programa "The Voice Portugal", da RTP. O grupo de cerca de 30 pessoas marcou presença nos estúdios da televisão pública para assistir à gravação da emissão especial de Natal do programa que caça talentos nacionais na área da música. Foi um momento de salutar convívio entre o grupo que partilhou a plateia com outras instituições do país.

Mais de 120 pessoas no 9º encontro cinegético

Largada O encontro contou este ano, à semelhança de anos anteriores, com 60 caçadores

A largada anual da União das Misericórdias Portuguesas realiza-se desde 2010 e, ano após ano, junta Misericórdias de norte a sul do país

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

UMP Mais de 120 pessoas, de várias partes do país, participaram no 9º encontro cinegético da União das Misericórdias Portuguesas (UMP). A largada que teve lugar no passado dia 12 de janeiro, na Herdade da Fuseira e do Álamo, em Borba, é segundo o provedor da Misericórdia do Vimieiro, "uma jornada a que chamamos de caça, mas que de caça tem muito pouco, é um convívio".

Presente na largada desde o primeiro encontro, Aurelino Ramalho, provedor da Misericórdia do Vimieiro e administrador do Centro de Apoio a Deficientes Luís da Silva, equipamento da UMP, considera que o encontro cinegético é "sobretudo um momento de convívio entre homens e mulheres das Misericórdias, que serve para confraternizarmos fora do contexto das Santas Casas. É um dia em que conseguimos esquecer aquilo que durante a semana nos preocupa, que é ajudar os mais necessitados".

Quem corrobora esta opinião é Natália Gaspar, responsável pela Turicórdia, linha de serviço da UMP dedicada ao turismo social. "É das poucas oportunidades que temos de as pessoas que fazem parte das Misericórdias conviverem mais, sem pensar nos problemas das instituições. O encontro acaba por ser um momento de lazer, onde podem discutir de forma informal alguns problemas que são comuns a todos".

Com organização da Turicórdia e das Misericórdias de Alcácer do Sal, Grândola, Palmela e Vimieiro, o encontro contou este ano, à semelhança de anos anteriores, com 60 caçadores. Segundo Natália Gaspar este número é fixo, pois, dadas as dimensões da zona de caça, apenas têm "15 portas duplas disponíveis", sendo a caçada feita em dois turnos. Este ano foram largadas 300 perdizes, 200 patos e 100 faisões, num total de 600 peças.

No final da largada, caçadores, acompanhantes e convidados juntaram-se à mesa para partilhar um almoço composto por iguarias que cada participante levou da sua região. É por esta altura também que se distribuem as peças caçadas, o que é feito, segundo a organização "de forma igualitária", não interessando quem caçou mais ou menos.

A largada anual da UMP realiza-se desde 2010 e, ano após ano, junta Misericórdias de norte a sul do país.

Segundo Aurelino Ramalho este ano a largada ficou marcada pela presença de "muito mais gente nova". Segundo o provedor, esta é a prova que contraria a opinião de muitos que consideram "que as Misericórdias são um clube de velhos". "As Misericórdias são cada vez mais uma atração para os mais novos", remata.

JOGOS SANTACASA
uma boa aposta

HÁ JOGOS PARA TODAS AS IDADES.

OS JOGOS A DINHEIRO SÃO PARA MAIORES DE 18 ANOS.

-18

uma aposta responsável

-18 Proibido jogar a menores de 18 anos

Linha Direta Jogos 808 203 377 (das 8h às 24h)

FRASES

É o medo que nos torna loucos

Papa Francisco
Em conversa com jornalistas a propósito das Jornadas Mundiais da Juventude no Panamá

A Agenda 2030 é mundial, demorou muito tempo até os países se colocarem de acordo para reconhecerem a importância de trabalhar em conjunto, mas hoje estamos a assistir a um retrocesso

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República
Durante a segunda edição do programa Cientistas no Palácio que decorre até 27 de fevereiro

A minha convicção é que a atual maioria tem todas as condições políticas para conseguir aprovar uma Lei de Bases da Saúde que permita fazer aquilo que é essencial

António Costa
Primeiro-ministro
sobre a Lei de Bases da Saúde

FOTO DO MÊS

Por ***Tiago Queirós***

SANTO TIRSO
RUGAS COMO PARTE DA HISTÓRIA PESSOAL

A Misericórdia de Santo Tirso desenvolve ao longo de todo o ano o ateliê "Rugas que dizem", que visa, segundo a instituição, valorizar a estética da terceira idade e ajudar os idosos a aceitar as rugas como parte da sua história pessoal. Desta vez, e a propósito da 36ª edição da Revista da Misericórdia (ver página 29), foi pedido aos utentes que simulassem emoções que nos são comuns a todos. Medo, tristeza, surpresa, afeto e alegria foram algumas das emoções captadas pelo fotógrafo Tiago Queirós, voluntário do projeto. Na foto, a utente do Lar José Luiz d'Andrade, Maria Manuela Branco.

O CASO

Apartamento para apoiar sem-abrigo

São João da Madeira A Misericórdia de São João da Madeira vai ter em funcionamento, a partir de março, um apartamento de apoio à reintegração social de sem-abrigo. A casa, que foi cedida pela autarquia local, vai ser gerida pelo Trilho, resposta social da Santa Casa para intervenção junto de pessoas com comportamentos aditivos e de dependência.

O Trilho tem atualmente sinalizados (dados de dezembro de 2018) 18 casos de sem-abrigo e 10 casos de pessoas que vivem em situação precária. Foram estes números, que se alteram quase mensalmente, que levaram a Santa Casa sanjoanense a "pensar em criar respostas de apoio" para esta população, contou ao VM a diretora técnica do Trilho, Branca Correia. A resposta que procuravam surgiu, segundo a técnica, "quando a Câmara cedeu um apartamento, tipologia T4, para ser transformado em casa de autonomização".

Para já a casa ainda não tem inquilinos. "Ainda estamos numa fase embrionária do projeto. De equipar a casa, de encontrar o melhor modelo de intervenção, definir quais os critérios de admissão, o que é mais adequado a esta população e aos objetivos que o nosso trabalho deve ter".

Para além de dar um abrigo a quem vive na rua ou em situações precárias, o objetivo deste projeto passa por dar ferramentas que potenciem a autonomia e a reintegração dessas pessoas na sociedade.

"A ideia é trabalhar os indivíduos nas suas diferentes dimensões. Perceber que potencialidades é que têm e trabalhar a sua inserção", explicou a técnica.

Outra área que a equipa de trabalho quer desenvolver passa por "ativar uma rede de parcerias" na área da saúde, do emprego, dos apoios sociais, e outros, de modo a que se "cumpra com o projeto de vida que foi definido inicialmente para cada pessoa".

Para além de dar um abrigo, o objetivo deste projeto passa por dar ferramentas que potenciem a autonomia e a reintegração

Os utentes vão poder permanecer nesta casa até no máximo 24 meses e não irão pagar renda. No entanto, o que está previsto é, segundo a técnica, "que as despesas da habitação (água, luz, gás, alimentação) sejam divididas pelos moradores", de modo a criar neles "uma certa responsabilidade". VM

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

MoliCare
Premium Slip

HARTMANN

INCONTINÊNCIA

MELHOR DO TESTE

DECO PROTESTE

Licença nº BV.201710.MT.0022

Publicado em 10.2017
deco.proteste.pt/selos

As frases MoliCare Premium Slip foram eleitas pela DECO PROTESTE com o Selo Melhor do Teste.

A gama MoliCare Premium Slip
com seis níveis de absorção:

Serviços adicionais à sua disposição:

- Estudos económicos para otimizar custos e trabalho na Incontinência.
- Controlo de custos de Incontinência online, com "HILMAS".
- Formação em Incontinência e Feridas Crónicas para profissionais de saúde.

www.hartmann.pt

Publicidade a Dispositivos Médicos. Leia cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização.

PH MoliCare_12-2017

Serviço ao cliente
Tel. 219 409 920

EM AÇÃO

Pampilhosa da Serra

Projeto para assegurar transporte

A Santa Casa da Misericórdia de Pampilhosa da Serra tem desde o início do ano um novo projeto a funcionar. O "Projeto Inclusivo – Pampilhosa Mais Perto" disponibiliza uma carrinha para assegurar transporte inclusivo às pessoas com mobilidade reduzida do concelho que recorram aos tratamentos da unidade de medicina física e de reabilitação da instituição. A apresentação pública desta iniciativa teve lugar em janeiro durante uma visita da secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro.

Vila do Porto

Utentes do CAO em teatro solidário

O centro de atividades ocupacionais (CAO) da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Porto, nos Açores, realizou, no passado dia 4 de janeiro, um espetáculo solidário de teatro em homenagem ao utente Gil Melo. A peça teatral contou com a participação dos utentes do CAO, que vestidos de negro e com um coração ao peito, se apresentaram no palco do Museu de Santa Maria, para expressar emoções. Recorde-se que a Misericórdia de Vila do Porto foi criada em 1577 e apoia diariamente cerca de 80 pessoas.

Recuperar a memória de um edifício ligado à história local

A Misericórdia de Ponte da Barca organizou uma exposição para 'enriquecer a memória local' e 'devolver o hospital' à comunidade

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Ponte da Barca Recuperar a memória de um edifício que se cruza com a história de Ponte da Barca, dando vida aos espaços, objetos e seus protagonistas, foi o ponto de partida de uma exposição interativa, disponível ao público no hospital da Misericórdia, entre finais de 2018 e 31 de janeiro de 2019. Mais de mil visitantes, da comunidade escolar, instituições e população em geral, passaram pelos corredores do antigo hospital para conhecer os espaços onde foram recriados o consultório médico, enfermaria, capela e serviços administrativos, com recurso a figurantes, fotografias antigas e ecrãs táteis com testemunhos da comunidade.

Satisfeito com a "enorme adesão da comunidade", o provedor Rui Folha Gomes referiu que o objetivo da iniciativa foi "enriquecer a memória dos barquenses e procurar devolver o hospital da Misericórdia a quem durante décadas contribuiu para a sua construção". Mas não pretende ficar por aqui. Depois de desmontada a exposição, a ideia é dar continuidade ao trabalho de investigação iniciado pela equipa do Gabinete de Património, Cultura e Comunicação.

A organização desta exposição motivou um levantamento de dados exaustivo, coordenado pela mesária Carla Barbosa, que permitiu apurar mais de nove mil registos relativos a internamentos no hospital, entre 1890 e 1950. "Estes dados vão permitir traçar o perfil do doente e, no fundo, do habitante do concelho, a partir de informações como o estado civil, ocupação profissional e doenças. Encontrámos cerca de 220 moléstias [doenças] diferentes, relacionadas sobretudo com problemas de alimentação e pobreza", explicou.

No sótão do atual lar de idosos, instalado no edifício primitivo do hospital, foi ainda possível encontrar quadros da antiga galeria de beneméritos, dez caixas com documentação avulsa e mais de 150 peças de material cirúrgico, que integraram a narrativa da exposição.

Os preparativos iniciaram-se meses antes, no âmbito das comemorações do 270º aniversário do hospital, e envolveram a consulta de publicações da imprensa local ("Povo da Barca") e de "fontes diretas", para complementar a informação encontrada no arquivo da instituição. "Temos um arquivo muito rico, que ainda está pouco estudado, à semelhança do arquivo municipal. E há poucos estudos publicados o que torna o meu trabalho difícil por não poder cruzar dados e fontes", explicou a mesária Carla Barbosa.

Mais de mil visitantes, da comunidade escolar, instituições e população em geral, passaram pelos corredores do antigo hospital

Tratando-se de um período pouco estudado na região, a investigadora decidiu solicitar a colaboração da comunidade no envio de fotografias e partilha de histórias relacionadas com o antigo hospital, num processo de "reconstituição histórica coletiva". Neste âmbito, os barquenses que nasceram neste edifício até 1971, tiveram a oportunidade de levantar o seu certificado de nascimento, extraído do livro de registos de entrada no hospital.

Tornar a exposição apelativa ao público jovem foi outra das preocupações da instituição neste processo. E para tal foi determinante a colaboração da associação "Os Canários de Bravães" e do encenador Jaime Ferreri, que convidou atores e figurantes reais, como Prazeres Martins, antiga funcionária que agora reside no lar de idosos, a reconstituir o quotidiano do hospital.

"Quisemos recriar o espaço de forma fiel e verdadeira e destacar o papel de figuras como as Irmãs Hospitaleiras, que asseguraram os cuidados de enfermagem, gestão corrente e coordenação dos serviços gerais, entre 1920 e 1970", justificou o provedor.

A atividade hospitalar teve início em 1748, num espaço adjacente à igreja da Misericórdia, com apenas duas camas permanentes, o que levava a instituição a prestar cuidados de saúde no domicílio para cumprimento de uma das obras de misericórdia. Só anos mais tarde, no final do século XIX, avança a construção de um novo edifício, que garante as "condições mínimas de funcionamento" e assegura um "salto qualitativo" nos cuidados prestados à população. "O hospital foi uma referência nos anos 1950/60 e chegou a ser um dos mais apetrechados da região", lembra Rui Folha Gomes. VM

Vagos

Apoiar pessoas com demências e cuidadores

A Misericórdia de Vagos começou o ano com a implementação do projeto "Memorizar". Com duração prevista de 3 anos, esta iniciativa vai atuar junto de pessoas com demências que não estejam institucionalizados e seus cuidadores. Para o efeito, está prevista a utilização de metodologias e terapias não farmacológicas, como a estimulação e reeducação cognitiva, a psicoterapia, terapia assistida por animais, psicomotricidade, entre outras. O projeto é financiado pelo POISE.

Vale de Cambra

Certificação de qualidade renovada

A Misericórdia de Vale de Cambra renovou a certificação de qualidade. O certificado da APCER para a norma 9001:2015 foi entregue em janeiro e abrange também a unidade de cuidados continuados (UCC). Segundo nota da instituição, foram nove as respostas certificadas. Além da UCC, a APCER também se pronunciou sobre o lar de idosos, centro de dia, serviço de apoio domiciliário, centro de convívio, creche, ateliê de tempos livres, pré-escolar e centro de acolhimento temporário.

Oferta de artesãs para enaltecer os cinco séculos

Bordadeiras reinterpretam imagem de Nossa Senhora das Misericórdias para evocar os 500 anos da Santa Casa de Mirandela

TEXTO **PATRÍCIA POSSE** E **SARA PIRES ALVES**

Mirandela Foi entre linhas, agulhas e pontos que 11 mulheres mirandelenses fizeram nascer uma obra de arte sacra única para enaltecer os cinco séculos da Misericórdia de Mirandela. A imagem de Nossa Senhora das Misericórdias é uma réplica daquela que foi oferecida ao Papa Francisco e que, hoje, figura "num dos corredores principais do Vaticano", tendo sido adornada com quase 800 miosótis bordadas em finos fios.

"É com imenso prazer que vemos o carinho especial que este grupo de senhoras tem pela Santa Casa, ao desenvolver um trabalho carregado de um enorme simbolismo", afirma o provedor Adérito Gomes.

Com 60 centímetros de altura, a peça é o somatório de detalhes, desvelos e destreza, porque "não há uma única flor que não tenha um significado". Assim, as 500 miosótis no manto correspondem aos anos de vida da Misericórdia em Mirandela e os 70 colocados no vestido representam os provedores identificados desde a sua fundação. Há, ainda, 104 miosótis, o mesmo número de localidades do concelho mirandelense, 11 que representam as bordadeiras e mais 3 em memória das colegas falecidas. Somam-se 58 miosótis que simbolizam as famílias de quem bordou e 52 que remetem para as semanas de um ano. "Cada florzinha demorou mais de meia hora, contabilizando fazer e aplicar, trabalhámos cerca de 500 horas", refere Manuela Gândara, que coordenou os trabalhos.

A escolha das miosótis justifica-se por ser "a flor da saudade e da memória". Depois decidiram bordá-la em mais de 320 tons, com seda e linho, fios têxteis cultivados na terra em tempos idos, e com fio de algodão, porque "se banalizou pelo seu baixo custo". "A seda natural foi muito difícil de encontrar e foi graças a alguém que tinha algumas linhas de uma fábrica que fechou há 50 anos e que teve a amabilidade de as disponibilizar", revela Manuela.

Cada linha é composta por seis fios, mas cada miosótis foi bordada com apenas um, o que deixa antever a delicadeza de todo o processo. E para ornamentar o centro da flor foram colocadas missangas de vidro raras, vindas do Japão. "Foi um trabalho minucioso, porque a miosótis é muito pequenina, o tipo de fio também é muito fino e, depois, pôr a missanga é um trabalho que requer muito tempo, atenção e, sobretudo, muita dedicação", declara Maria Andrade, 76 anos. A colega Cristina Guerra lembra que "as miosótis de três milímetros tiveram de ser postas com pinças".

As linhas foram entrelaçadas em pontos de Richelieu dados à mão. "Quando comecei, estava uma tarde inteira para fazer cinco, seis miosótis. À medida que a mão estava mais adestrada, fui evoluindo", reconhece Maria Andrade. A colega Ana Costa admite que foi "uma mera executante" que deu o seu contributo e, portanto, "as coisas tornaram-se relativamente fáceis".

Com mais de uma década votada aos bor-

Homenagem 11 mulheres bordaram quase 800 miosótis para adornar uma imagem de Nossa Senhora das Misericórdias que ofereceram à Santa Casa de Mirandela

dados, o grupo reúne duas vezes por semana e, durante três horas, trabalham com afinco. Margarida França, 64 anos, resume as lides: "era feito o desenho no tecido e íamos bordando com várias cores. Cada flor era recortada e posteriormente colada na peça de cerâmica". Para o recorte foram utilizadas tesouras italianas, compradas propositadamente no Porto. "Tinha de se ter extremo cuidado ao recortar, porque um fiozinho que estivesse fora de sítio estragava a flor", relembra Cristina.

Durante os serões de trabalho quase microscópico, sempre reinou a boa disposição. "Quando alguém se queixava dos olhos, a outra dizia 'queres experimentar com os meus óculos?' E até os óculos trocávamos", conta Manuela.

A mentora do projeto inspirou-se quando reconheceu, num jornal italiano que noticiava a entrega de Nossa Senhora das Misericórdias ao Papa Francisco, que aquele traço era de um ceramista português. Depois de o contactar para replicar a peça, desafiou o grupo para assinalarem "com um marco histórico" a efeméride dos 500 anos da Misericórdia de Mirandela.

As colegas tiveram uma primeira reação de incerteza, imediatamente seguida de entusiasmo. "Pensámos que não era assim tão fácil de fazer, porque aquelas florzinhas têm muito trabalhinho e muita horinha", confidencia Marta Barroso, 38 anos. No entanto, Cristina Guerra salienta que "depois de se emaranharem no projeto foi muito interessante".

A 19 de janeiro, todas se perfilaram nos bancos dianteiros da igreja da Misericórdia, com olhares sérios e solenes para assistir à cerimónia de bênção da sua obra de arte. "Nenhuma de nós tinha ideia de como iria ficar o trabalho final", confessa Marta Barroso. Já Margarida França atalha: "mas com a professora Manuela, as expectativas são sempre grandes e ela, de facto, consegue fazer coisas surpreendentes".

Também presente na cerimónia presidida pelo bispo da diocese Bragança-Miranda, o ceramista mafrense José Luís Pires não escondeu a satisfação face ao resultado final. "Foi uma agradável surpresa ver a imagem com as miosótis. Adorei." A peça ficará permanentemente exposta na igreja da Misericórdia, como fruto de "um ato de cidadania". "É mesmo uma homenagem que os cidadãos de Mirandela devem a uma instituição com 500 anos", conclui Manuela Gândara.

PRÉMIO SIC ESPERANÇA

Outro momento alto dos 500 anos da Misericórdia de Mirandela foi o facto da instituição ter sido distinguida pela SIC Esperança. O programa ILLUMINART foi um dos três vencedores dos prémios que a SIC Esperança atribuiu, em parceira com a Delta Cafés, para comemorar o seu 15º aniversário.

Selecionado num universo de 384 candidaturas, o ILLUMINART consiste na projeção de imagens em 3D nas paredes e tetos dos espaços onde se prestam cuidados de saúde com o intuito de humanizá-los.

Sónia Carvalho, psicóloga na UCC, explicou ao VM o que é e como funciona a terapia. "É um dispositivo portátil que projeta nas paredes imagens artísticas 3D, sendo que o utente pode escolhê-las, transformá-las ou interagir com elas através do uso de um tablet".

O ILLUMINART vai complementar a "já existente sala de snoezelen", referiu a psicóloga. Ainda segundo Sónia Carvalho, esta nova terapia será utilizada junto dos "doentes isolados que não podem deslocar-se à sala snoezelen por estarem sujeitos às medidas de contenção de contacto, ligados a oxigénio e em repouso obrigatório por úlceras de pressão e neoplastias, e também aqueles que se recusam a sair do quarto e a conviver com os outros porque não gostam do ambiente hospitalar".

Segundo a diretora técnica da UCC, Raquel Alves, vão beneficiar deste projeto cerca de 144 pessoas por mês. "São cerca de 52 beneficiários diretos, que é o número de internamentos médios por mês que temos, mais os seus familiares, e cerca de 50 beneficiários da comunidade local, como voluntários ou os jovens da APPACDM de Mirandela".

Este novo projeto da Santa Casa da Misericórdia de Mirandela deverá entrar em funcionamento no início do próximo mês de março e foi financiado a 100 % pela SIC Esperança. VM

Borba

Promover a dança junto dos jovens

A Misericórdia de Borba realizou, no passado dia 26 de janeiro, o SOCIALDANCE – III Festival de Dança Jovem. Esta iniciativa tem como objetivo promover os grupos de dança jovem da região e dinamizar a Aldeia Social da Santa Casa. O espetáculo decorreu no pavilhão multiusos Caetano Gazimba e contou com a participação de 160 dançarinos com idades entre os três e os 30 anos. Para além de bailarinos de Borba, o festival contou ainda com a participação de grupos vindos de Estremoz, S. Tiago, Rio de Moinhos e Orada.

Soure

Igreja cheia para encontro de cantares

A Santa Casa da Misericórdia de Soure levou a cabo no passado dia 6 de janeiro o seu sétimo encontro de cantares ao menino. O evento decorreu na igreja da instituição, imóvel do século XVII classificado como monumento de interesse nacional, que se encheu para este encontro de música que contou com as atuações de três grupos. Além do Rancho Folclórico da Misericórdia de Soure, também estiveram presentes o Rancho das Lavradeiras da Trofa e o Grupo de Danças e Cantares Regionais da Feira.

Restauro As sete pinturas a fresco, do século XVI, estavam escondidas por telas barrocas

Igreja tem frescos com 400 anos

Évora A Santa Casa da Misericórdia de Évora consolidou, restaurou e limpou os frescos da sua igreja. As pinturas murais, com mais de 400 anos e alusivas às obras de misericórdia, estavam "escondidas" atrás de telas barrocas quando foram encontradas e muito brevemente poderão ser apreciadas no núcleo museológico da Santa Casa, que deverá abrir portas no último trimestre deste ano.

As sete pinturas a fresco, datadas da segunda metade do século XVI, estavam escondidas por telas barrocas e foram encontradas durante o trabalho de recuperação e restauro efetuado na igreja. Enquanto decorreram as obras foi possível apreciá-las, mas com o fim da empreitada de recuperação, os frescos voltaram a ser cobertos pelas mesmas telas.

No entanto, e segundo o provedor da Misericórdia de Évora, Francisco Lopes Figueira, a instituição quer valorizar e dar a conhecer ao público estas obras. Para isso aproveitaram a intervenção que foi feita na igreja da Misericórdia e o facto de os frescos terem ficado a descoberto para, "pela primeira vez, serem consolidados, restaurados e limpos, pois alguns mostravam sinais de degradação".

Para além disso, continuou o provedor, "foram captadas imagens de vídeo e fotografia das pinturas", o que vai permitir que sejam expostas no futuro núcleo museológico da instituição "através de conteúdos multimédia e interativos".

Fazer com que as pinturas murais, que fazem parte da primeira decoração da igreja da Misericórdia de Évora, "não caiam no esquecimento", é, segundo o provedor, um dos grandes objetivos da intervenção que foi realizada nos frescos.

O projeto do núcleo museológico da Santa Casa de Évora, que arrancou em setembro de 2018 e irá ter um custo que ronda os 300 mil euros, deve estar concluído "no final do verão de 2019, e vai ser dedicado à história da instituição e ao seu património histórico e artístico", disse ao VM Francisco Figueira. O novo espaço vai ser contíguo à igreja da Misericórdia, que recebe anualmente mais de 30 mil visitantes. VM

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Renovação e novas competências

Eleições Em vários pontos do país, centenas de irmãos elegeram os órgãos sociais das Misericórdias para o quadriénio 2019-2022. O primeiro mês de 2019 foi marcado por dezenas de tomadas de posse solenizadas por rituais definidos nos Compromissos

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Em vários pontos do país, centenas de irmãos elegeram os órgãos sociais das Misericórdias para o próximo quadriénio (2019-2022). Depois do voto nas urnas, em finais de 2018, o primeiro mês de 2019 foi marcado por dezenas de tomadas de posse, solenizadas por rituais definidos nos Compromissos (juramento, assinatura do auto de posse, etc) e momentos culturais e religiosos, na presença de representantes dos poderes locais, eclesiásticos e sociedade civil. Um ato simbólico, revestido de especial significado para os dirigentes cessantes e também para aqueles que agora assumem o desafio de conduzir os destinos das instituições.

Hoje, como há centenas de anos, a ocasião é importante "pelo balanço que se faz da atividade dos corpos gerentes cessantes no momento da nova eleição", lembra Marta Lobo de Araújo num estudo sobre as "Festas e Rituais de Caridade nas Misericórdias" (1999). Mas não só.

A importância destes momentos e o seu impacto na comunidade estava também associada a uma "forma de socialidade e de exaltação do poder", que nalguns casos culminava na realização de jantares e celebrações com a população local. Na Misericórdia de Machico, segundo a investigadora Isabel dos Guimarães Sá, há registos de uma refeição conjunta na confraria, no dia das eleições dos corpos gerentes. O historiador José Monteiro volta a destacar, na edição comemorativa dos 500 anos da congénere brigantina, a realização de jantares de presença obrigatória, "onde novos e velhos mesários passariam o testemunho".

As Misericórdias elegiam anualmente os corpos diretivos no Dia de Nossa Senhora da Visitação (assinalado então a 2 de julho), reunindo-se para tal na "capela onde estiver a dita confraria", como mandava o primeiro Compromisso impresso da Misericórdia de Lisboa (1516). Todos os confrades eram obrigados a estar presentes para escolher os eleitores, que por sua vez elegiam os corpos gerentes, assistindo a uma missa e à apresentação das contas pelo capelão mor. Por se tratar de uma festa religiosa, as igrejas eram tratadas com cuidado, caiando-se as frontarias, consertando-se imagens e paramentos e escolhido o repertório musical e sermão.

Consumada a eleição, os treze oficiais (provedor, nove conselheiros, um escrivão e dois mordomos) passavam a constituir a mesa da confraria, ocupando-se da assistência aos doentes e presos, visita aos hospitais e pobres, arrecadação de esmolas, rendas e foros.

Hoje é comum os irmãos eleitos tomarem posse na igreja ou salão nobre da instituição, numa sessão solene marcada pelo juramento e assinatura do auto de posse, onde são reforçadas as prioridades da nova mesa administrativa. Em 2019 não foi diferente. Os irmãos reuniram-se, ao longo do mês, em cerimónias públicas onde apresentaram objetivos concretos, relacionados com a melhoria dos serviços que prestam às populações, requalificação dos equipamentos, formação dos colaboradores e equilíbrio das contas.

Se por um lado, os recém-empossados assumem uma postura de continuidade e respeito face ao legado da mesa administrativa anterior, é também verdade que a grande maioria quer melhorar ou alargar a intervenção prestada. Assim frisou António Manuel Alexandre, em Tomar, e Maria João Oliveira, em Palmela, para quem as prioridades são remodelar o lar

Continue na página 20 ➤

Roda dos irmãos Peça da Misericórdia de Óbidos. Roleta em madeira, com dezasseis lados, apresentando num anel intermédio as designações dos cargos e valências do âmbito da Santa Casa da Misericórdia e, num anel mais largo, subsequente, os nomes, por ordem alfabética, dos irmãos designados para desempenhar os ditos cargos. Dimensões: diâmetro 67 cm. Datação: século XVIII/XIX

DESTAQUE 1

► *Continuação da página 18*

de idosos e alargar a intervenção do Centro de Medicina Física e de Reabilitação.

Em Amares, o foco está nas pessoas, em particular, utentes e recursos humanos. Mas para garantir esses "serviços de excelência", Álvaro Silva, que sucede a Alberto Esteves na liderança da mesa administrativa, refere que é necessário ter "contas sustentadas".

A sustentabilidade financeira é um dos desafios apontados pelos novos dirigentes, a quem são exigidas, cada vez mais, "competências de gestão" e uma "disponibilidade quase total", como refere o novo provedor de Portalegre. João Torres Pereira vai todos os dias à Misericórdia e admite que não é possível de outra forma. "Quero ser um provedor muito ativo e presente. Estou consciente de que tenho de tomar as melhores decisões do mundo, sem dar azo a erros. Para isso tenho de contar com as pessoas e ouvi-las. Tenho uma equipa maravilhosa".

Cumprir as regulamentações em vigor e encontrar alternativas de financiamento para fazer face ao "aumento exponencial dos custos com salários" é outra das prioridades do recém-empossado José Marques Mendes, de Albergaria-a-Velha.

Para Fernando Cardoso Ferreira, vogal da União das Misericórdias responsável pelo pelouro de Assuntos Jurídicos, a renovação dos órgãos sociais é especialmente útil num período marcado por problemas de "sustentabilidade e falta de financiamento adequado por parte do Estado". "Por mais generoso que seja o espírito de missão [dos dirigentes], a renovação traz sempre novas ideias, competências e, principalmente, novas resistências, úteis para este ano difícil".

Nalguns casos, as mudanças, além de geracionais e de género, traduzem-se na implementação de projetos de combate ao isolamento em terras onde as estruturas de apoio social são poucas ou nenhumas. Assim acontece na aldeia de Medelim, onde uma jovem mesa administrativa, encabeçada por Ana Filipa Fonseca, se prepara para apoiar os idosos no domicílio, com recurso a dispositivos para monitorização de sinais vitais e georreferenciação.

A ligação afetiva às comunidades que vão servir é outra das características dos dirigentes, que, sendo filhos das terras, sentem a responsabilidade do cargo que agora assumem. No caso de Sever do Vouga, a relação com os colaboradores e utentes é próxima e remonta a uma prática de voluntariado de longa data, relacionada com o apoio espiritual aos idosos. "Era um serviço que fazia antes de estar ligada à mesa e que vou manter", partilhou Maria Fátima Tavares.

Em muitas localidades, o papel agregador que as instituições assumem, em termos identitários e culturais, é reforçado pela manutenção de tradições e valorização do património material e imaterial. Assim acontece em Salvaterra de Magos, onde a devoção a Nossa Senhora da Conceição serve de elo de ligação com a população. "Queremos introduzir a Misericórdia na vivência da comunidade, que até agora tem andado de costas voltadas, recuperar o património e disponibilizá-lo à população", referiu João Drummond Oliveira e Silva. VM

26

26 Misericórdias têm nova liderança, na sequência das últimas eleições para os corpos sociais. O distrito de Braga (4) foi o que registou mais alterações, seguindo-se Aveiro (2), Beja (2), Coimbra (2), Évora (2), Portalegre (2), Santarém (2), Setúbal (2), Vila Real (2) e Viseu (2). Em Castelo Branco, Faro, Lisboa e Porto registou-se apenas uma alteração por distrito. Dos 26 dirigentes eleitos para o próximo quadriénio (2019-2022), apenas sete são mulheres (Cerva, Medelim, Murça, Palmela, Portel, Sever do Vouga e Tentúgal). A informação foi apurada até ao fecho da presente edição.

12

Nos primeiros anos, a atividade assistencial das Misericórdias era conduzida por um conjunto de doze elementos, dos quais nove conselheiros, um escrivão e dois mordomos, encabeçados pelo provedor. A analogia da composição da mesa com Jesus Cristo e os doze apóstolos está presente no texto do Compromisso relativo ao processo de eleição: "que todos com temor de Deus imitem e sigam a Cristo Nosso Senhor e aos seus doze apóstolos e com temor do Senhor cumpram as obras de misericórdia da maneira que cada um for encarregado".

Atributos morais dos oficiais da confraria

No primeiro Compromisso impresso da Misericórdia de Lisboa (1516) são descritas as qualidades que devem presidir à escolha dos mesários e do provedor, que surgia como principal oficial da confraria. Se aos primeiros era exigido que fossem bons, virtuosos e de boa fama, ao provedor era solicitado que fosse "homem nobre, de autoridade, virtuoso, de boa fama, muito humilde e paciente". O provedor e restantes oficiais não auferiam "prémio temporal" exercendo o cargo de forma voluntária.

Recentrar a ação e repensar a identidade

Em várias tomadas de posse, os bispos desafiaram as instituições a repensar a sua identidade e a recentrar a ação nas 14 obras de misericórdia. Em Barcelos, D. Jorge Ortiga, arcebispo de Braga, citou a edição de dezembro do VM para afirmar que as "obras de misericórdia não são um mero programa" e lembrar que o mais importante é "fazer com que o amor não seja só uma palavra e se expresse em ações concretas". Segundo o prelado, estas 14 obras são "direitos para todos, não regalias para alguns".

Arquitetura dos espaços de decisão da confraria

No estudo sobre "As Casas da Misericórdia: confrarias da Misericórdia e a Arquitectura quinhentista portuguesa", a investigadora Joana Balsa Pinho destaca o espaço de reunião do provedor e oficiais como um dos "mais emblemáticos da Casa da Misericórdia". Era o local onde periodicamente a mesa se reunia, sendo designado, em vários registos, de "casa do despacho", "cabido", "capítulo", "consistório" ou "mesa". Esta designação decorre do objetivo da reunião dos oficiais: "despacharem e falarem o que for serviço de deos" (Compromisso de Lisboa).

'Opinião pública está mais atenta'

Segundo Fernando Cardoso Ferreira, vogal do Secretariado Nacional responsável pelo pelouro de Assuntos Jurídicos, a UMP tem "constatado com profundo agrado uma preocupação crescente das Misericórdias com a modernização e democratização do seu funcionamento, no que respeita aos processos eleitorais". Num período em que a opinião pública está cada vez mais atenta, o dirigente defende que "tudo o que contribui para a democratização, transparência e clareza nos processos eleitorais confere às instituições um reforço da credibilidade, cada vez mais exigível".

Novos provedores

Albergaria-a-Velha
José Marques Mendes
Alhos Vedros
Miguel Francisco A. Canudo
Amares
Álvaro Silva
Azambuja
Vítor Manuel Cachado Lourenço
Azaruja
Luís Eduardo da Silva Martins
Azurara
António José Magalhães
Barcelos
Nuno Reis
Boliqueime
Sílvia Gonçalves Sebastião
Castelo de Vide
João Filomeno Batista Candeias
Castro Daire
Rui Samora
Cerva
Maria Helena Ferreira Rodrigues
Guimarães
Eduardo Leite
Medelim
Ana Canilho Fonseca
Murça
Maria Edite Fernandes de Sousa
Palmela
Maria João Marques de Oliveira
Portalegre
João Torres Pereira
Portel
Maria Luísa Farinha
Salvaterra de Magos
João Drummond Oliveira e Silva
Semide
Armando Ferreira
Sernancelhe
Romeu Santos Irmão
Serpa
António José Sargento
Sever do Vouga
Maria Fátima Pereira Tavares
Tentúgal
Maria de Lourdes Santiago
Tomar
António Alexandre
Vidigueira
Francisco José Martins Gomes
Vieira do Minho
Luís Eugénio da Silva Carneiro

Protocolo Carclasse - União das Misericórdias

Consulte já as condições para 2017

A Carclasse renovou mais uma vez o protocolo com a União das Misericórdias. Em 2017, mantemos o objectivo de servir da melhor forma as Santas Casas e disponibilizamos as melhores soluções para aquisição e manutenção das suas viaturas.

Contacte-nos já e peça a sua proposta.

Contacto:

Rui Filipe Leite
Tel.: 919 109 300 / rui.filipe@carclasse.pt

Mercedes-Benz
Vans. Born to Run.

Carclasse
Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa
www.carclasse.pt - info@carclasse.pt Informações: 707 200 411

Refletir sobre a missão através da arte

Arte contemporânea As telas da terceira fase deste projeto entre a UMP e a Cooperativa Árvore já foram sorteadas

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

As Misericórdias retomam a sua ligação às artes plásticas, investindo na aquisição de telas que interpretam temas ligados à sua história e identidade, no âmbito da terceira fase do projeto de Arte Contemporânea, promovido pela União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e Cooperativa Árvore. A apresentação e sorteio das telas, inspiradas nas obras de misericórdia "rogar a Deus por vivos e defuntos" e "dar abrigo aos peregrinos", aconteceu a 17 de janeiro, na sede da cooperativa artística, no Porto, numa sessão presidida pelos representantes das entidades parceiras, José Emídio e Manuel de Lemos, e pelo diretor regional de Cultura do Norte, António Ponte, em representação da secretária de Estado da Cultura.

Num ambiente familiar, artistas e dirigentes das instituições fizeram um balanço muito "positivo" das primeiras edições do projeto, destacando a qualidade das telas produzidas, o número de pintores (21) e Misericórdias (22) envolvidas. "Nada melhor do que desafiar os artistas da Árvore para recomeçar este trabalho de aproximação à arte, que faz parte do ADN das Misericórdias. Tem sido muito aliciante porque a qualidade das obras é extraordinária", frisou o presidente da UMP, que se confessa um apreciador de arte e "amigo da casa".

Em pleno centro histórico do Porto, o edifício setecentista é casa de centenas de artistas, de vários pontos do país, e agora também de dezenas de Misericórdias, que aderiram ao projeto, desde 2014, adquirindo telas para os espaços de reuniões e núcleos museológicos. Concluídas as primeiras três etapas, o objetivo agora é dar continuidade à representação das obras de misericórdia – "assistir aos enfermos" (corporal) e "consolar os tristes" (espiritual) em 2019 –, e aumentar a adesão das Misericórdias ao projeto, que a qualquer momento poderão decidir adquirir a coleção completa (ou parte dela), mediante encomenda.

INVENTARIAR PARA VALORIZAR PATRIMÓNIO

Retomar a produção artística e enriquecer os acervos das Misericórdias com peças de artistas portugueses, nascidos no século XX, passa antes de mais por sensibilizar dirigentes e técnicos para a importância da valorização do património. E esse tem sido um dos desígnios

Continue na página seguinte ▸

Ao desafiar os artistas a reinterpretar os temas ligados a estas instituições, a UMP está a valorizar o papel fulcral da arte nos dias de hoje, a aproximar o público, divulgar o trabalho de artistas portugueses e construir um espólio para o futuro

Ângela Ferreira
secretária de Estado da Cultura
Numa mensagem lida pelo diretor regional de Cultura do Norte

▸ *Continue na página seguinte*

do Gabinete de Património Cultural (GPC) da UMP, ao assumir a coordenação deste projeto.

Segundo o responsável do GPC, Mariano Cabaço, a inventariação é o suporte de todo este trabalho de "sensibilização, recolha e identificação do património" porque, além de valorizar o património artístico, permite que as instituições conquistem "novos públicos", adquiram "maior visibilidade" e se afirmem como "agentes culturais das suas comunidades". "Está provado que, das 85 Misericórdias inventariadas, a grande maioria tomou consciência das potencialidades do seu património, idealizou espaços e criou hábitos culturais", admite.

Para os artistas, o desafio prende-se com a natureza dos temas representados (Nossa Senhora da Misericórdia e catorze obras corporais e espirituais) e exige uma reflexão profunda sobre valores que, na maior parte dos casos, "se centralizam em nós próprios". A opinião é de José Emídio, presidente da Cooperativa Árvore, que nos deu também o seu testemunho como pintor e cidadão.

Não desvalorizando os temas, "que nos são próximos", o artista nascido em Matosinhos refere que o objeto da imagem é, muitas vezes, um pretexto para explorar as potencialidades da pintura e do gesto criativo. "Os temas na pintura e nas artes, em geral, são um pretexto para a forma e para o fenómeno de pintar. Antes de representar uma folha, uma mancha é tinta, cor, matéria, que se articula com outros elementos visuais. Por isso é que a arte abstrata resistiu e apareceu quando foi possível assumir que a pintura antes de ser tema é matéria".

Não obstante as potencialidades da linha, traço e forma, convidamos o autor a debruçar-se sobre as obras produzidas, no âmbito da terceira fase do projeto, e a descodificar a simbologia de alguns elementos pictóricos na tela "rezar pelos vivos e defuntos". "Vemos o sofrimento perante a perda, os mistérios e a fantasia, a presença da morte, numa referência à Barca do Inferno, que nos transporta para outra dimensão", refere diante do quadro suspenso.

Noutra parede da sala, uma tela de Armando Alves com a representação de uma casa remete-nos para a ideia de acolhimento e hospitalidade subjacente à obra de misericórdia "dar abrigo aos peregrinos". "Um desafio", a que o pintor alentejano respondeu com "entusiasmo", refletindo sobre "os valores que foram propostos", por se tratar de uma "iniciativa muito positiva que dinamiza a arte e os artistas e dá uma frescura nova às Misericórdias, oferecendo-lhes novas visões sobre temas que conhecem".

Ainda hoje, as catorze obras de misericórdia continuam a inspirar artistas e instituições, na sua prática diária, dando provas da sua atualidade e vitalidade. Segundo Mariano Cabaço, responsável do Gabinete de Património Cultural da UMP, "não há programa mais antigo e atual para uma instituição do que estas catorze orientações de prática e de comportamento. A ideia é que se conjuguem as duas dimensões: a assistência ao outro e uma introspeção de conduta ética e comportamento".

50

Desde 2014, a UMP e Cooperativa Árvore desafiaram 21 pintores a interpretar temas ligados às Misericórdias com o objetivo de retomar a produção artística e enriquecer o espólio das instituições. Como resultado, foram produzidas 50 telas, com diferentes visões sobre a "Virgem do Manto" (fase 1) e as obras de misericórdia "dar de comer a quem tem fome", "corrigir os que erram" (fase 2), "dar pousada aos peregrinos" e "rogar a Deus por vivos e defuntos" (fase 3). Na próxima fase, os temas são "assistir os enfermos" e "consolar os tristes".

22

Até ao momento, 22 Misericórdias aderiram ao projeto, adquirindo telas para os seus espaços de reuniões e núcleos museológicos. Amarante, Braga, Borba, Póvoa de Lanhoso e Mora participam desde a primeira edição. Concluídas as primeiras três etapas, o objetivo da organização é dar continuidade à representação das obras de misericórdia e aumentar a adesão das Santas Casas, que a qualquer momento poderão adquirir a coleção completa (ou parte dela), mediante encomenda. Para tal, basta contactar o Gabinete de Património Cultural da UMP.

85

Oitenta e cinco Misericórdias têm o seu património móvel inventariado, num total de 20500 peças (escultura, mobiliário, pintura, têxteis, cerâmica, ourivesaria e ciências médicas), no âmbito de um projeto de inventariação em curso, desenvolvido pelo Gabinete de Património Cultural (GPC) da UMP. Os dados são apurados através da consulta em arquivos, inventários, inquéritos realizados às Misericórdias, entre outras fontes, e para o responsável do GPC, este trabalho é o "ponto de partida para a identificação e valorização do património".

Património ao longo da história

História Desde a anexação dos primeiros bens, no século XVI, à perda da administração dos hospitais, decretada após o 25 de Abril, as Misericórdias conheceram momentos de pujança e debilidade económica que influenciaram a criação e perda de património.

Na obra "O Património das Misericórdias – Um Olhar a Norte", historiadores do Gabinete de Património Cultural da UMP referem que a acumulação ou perda de património, pelas Misericórdias, ao longo da história decorre de conjunturas diversas, relacionadas com fases de crise económica prolongadas, legislação produzida (desamortizações de 1866), conflitos bélicos nacionais (guerra civil de 1932-34) e internacionais (Invasões Francesas) e saques ocorridos aquando da Implantação da República e no contexto do 25 de Abril. Acontecimentos de âmbito local e regional, como desastres naturais, apropriações indevidas e gestões danosas, motivaram igualmente a delapidação deste património nalguns momentos da sua história.

A preservação e acumulação de património móvel e integrado pelas Misericórdias remonta ao início do século XVI e acontece a partir do momento em que as instituições começam a construir as próprias igrejas e passam a dispor de um local para guardar as peças. Os edifícios que, por via testamentária, execução de uma insolvência ou anexações (de irmandades ou confrarias preexistentes), se tornam propriedade da Misericórdia compreendiam por vezes acervos que passavam também a integrar os bens móveis da instituição.

Em suma, no que diz respeito às fontes de acumulação de bens patrimoniais, o responsável pelo GPC resume a proveniência dos bens em três conjuntos: culto e vivência religiosa; instrumentos da atividade diária (cobres das antigas cozinhas, faianças) e atividade hospitalar; e acervos provenientes de doações (coleções de numismática, coleção de pintura, armas, etc), que refletem a personalidade do doador.

Hoje, Mariano Cabaço refere que um dos principais desafios é preservar este património, com responsabilidade e criatividade, e explorar as suas potencialidades enquanto instrumento de afirmação e promoção de hábitos culturais junto da comunidade.

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Protocolo NOS/União das Misericórdias Portuguesas

Estamos ligados por boas causas

Adira já e tenha vantagens exclusivas

A NOS e a União das Misericórdias Portuguesas deram as mãos por uma causa maior, servir os utentes da Santa Casa da melhor maneira possível. Agora, ao aderirem a qualquer serviço da NOS, os membros da União das Misericórdias vão ter descontos e vantagens exclusivas para transformarem o seu negócio e a experiência daqueles que apoiam.
A NOS disponibiliza desde soluções de voz a soluções de TI, como videovigilância cloud ou soluções machine to machine para gestão de frotas.

Para conhecer as condições do Protocolo ligue 16100

'UMA VISÃO COMUM PARA A HUMANIDADE'

Agenda 2030 As Santas Casas, ao desenvolverem as 14 obras de misericórdia, contribuem também para a prossecução dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

A 1 de janeiro de 2016 entrou em vigor a resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) intitulada "Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável", constituída por 17 objetivos, desdobrados em 169 metas.

Aprovados em Nova Iorque, a 25 de setembro de 2015, os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) representam, segundo Ban Ki-moon, então secretário-geral da ONU, "uma visão comum para a humanidade e um contrato social entre os líderes mundiais e os povos".

Em julho do último ano, no âmbito de um fórum da ONU para avaliar o progresso dos ODS nos países, também em Nova Iorque, o atual secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, afirmou que a Agenda 2030 é "a resposta coletiva para construir uma globalização justa".

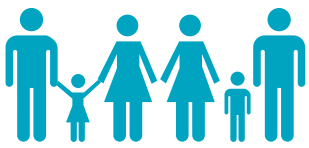
Segundo o Guia sobre Desenvolvimento Sustentável, informação oficial da ONU, "trata-se de uma agenda alargada e ambiciosa que aborda várias dimensões do desenvolvimento sustentável (social, económico, ambiental) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes".

Transformar esta visão em realidade, continua o mesmo documento, "é essencialmente da responsabilidade dos governos dos países, mas irá exigir também novas parcerias e solidariedade internacional. Todos têm um papel a desempenhar".

Todos, inclusive as Misericórdias. O apelo por um mundo mais justo faz parte do ideário dessas instituições há mais de 500 anos e as 14 obras de misericórdia têm sido lidas e interpretadas à luz das necessidades de cada tempo.

Na atualidade, as obras ganham forma através de variados projetos que visam essencialmente proporcionar o bem-comum, mitigar desigualdades e assegurar dignidade de vida a todos. Por isso, o jornal Voz das Misericórdias associa-se à Agenda 2030 da ONU dando, para o efeito, conta de como as Santas Casas, ao desenvolverem as 14 obras de misericórdia junto das comunidades, contribuem também para a prossecução dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável.

Recorde-se que os exemplos aqui referenciados não representam de forma integral o universo das Misericórdias, mas dão conta do caráter inovador e adaptável aos tempos destas instituições.



Objetivo 1
Erradicar a pobreza

Até 2030, aumentar a resiliência dos mais pobres e em situação de maior vulnerabilidade e reduzir a exposição e a vulnerabilidade destes aos fenómenos extremos relacionados com o clima e outros choques e desastres económicos, sociais e ambientais.

As Misericórdias desenvolvem respostas sociais e projetos de inovação com vista a apoiar pessoas em situação de pobreza. Além de programas alimentares, as Santas Casas têm equipamentos para apoio de cidadãos em situação de vulnerabilidade social e económica.
Um exemplo disso é o projeto "De mãos dadas para a vida", da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras. Destinada a apoiar sem-abrigo e pessoas com dificuldades socioeconómicas, esta iniciativa, que é desenvolvida através de dois centros, visa a reinserção da população implicada, tanto a nível económico, social e cultural, conduzindo a uma autonomia pessoal.

Objetivo 2
Erradicar a fome

Até 2030, acabar com a fome e garantir o acesso de todas as pessoas, em particular os mais pobres e pessoas em situações vulneráveis, incluindo crianças, a uma alimentação de qualidade, nutritiva e suficiente durante todo o ano.

Dar de comer a que tem fome é a primeira obra corporal de misericórdia. Para o presidente da UMP, é também uma das áreas mais nobres de atuação das Santas Casas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido de variadas formas. Recolha e distribuição de alimentos junto de famílias carenciadas é uma das facetas deste trabalho.
Ao mesmo tempo as Santas Casas são responsáveis por hortas sociais um pouco por todo o país e recentemente a UMP e as Misericórdias participaram no programa Nutriciência cujo objetivo era o aumento da literacia nutricional e alimentar de famílias de baixo nível socioeconómico através de uma estratégia de comunicação inovadora.

Objetivo 3
Saúde de qualidade

Atingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais para todos de forma segura, eficaz, de qualidade e a preços acessíveis.

Ao longo dos séculos, os cuidados de saúde prestados pelas Santas Casas foram adaptando-se às necessidades e exigências técnicas de cada tempo. Na atualidade este trabalho é concretizado através de 23 hospitais de agudos e 117 unidades de cuidados continuados, meios complementares de diagnóstico e terapêutica, cuidados primários, farmácias e ainda unidades de saúde mental.

Objetivo 4
Educação de qualidade

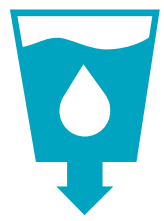
Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo à universidade.

Além da formação dos seus colaboradores, as Misericórdias também apoiam jovens estudantes através de prémios e bolsas de estudos. Muitas desenvolvem ainda atividades como colégios (Vila Verde, Amadora e Almeirim são disso exemplos) e institutos para formação profissional (Angra do Heroísmo e Chaves). Junto do público mais idoso, a necessidade de alfabetização tem vindo a diminuir, mas, em contraponto, estão a aumentar as iniciativas ligadas à literacia informática.

Objetivo 5
Igualdade de género

Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas.

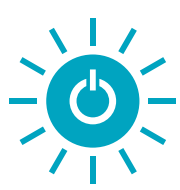
As mulheres representam na atualidade a maior fatia da força laboral das Misericórdias portuguesas. Empregadoras de relevância nos concelhos onde atuam, as Santas Casas são responsáveis pelo trabalho de milhares de mulheres em todo o país.
No que respeita aos corpos sociais, o número de mulheres entre os dirigentes tem vindo gradualmente a aumentar, embora ainda seja residual a percentagem de provedoras no país.
Em Ourique, por exemplo, entre os 21 elementos que integram os corpos sociais, 11 são mulheres.
Além disso, existem equipamentos especialmente vocacionados para acolhimento de mulheres. São inúmeros os lares para apoio de mulheres vítimas de violência, mas também estão a ser desenvolvidos projetos para apoio à maternidade precoce (Montijo e Vila Real).



Objetivo 6
Água potável e saneamento

Alcançar o acesso universal e equitativo à água potável e segura para todos.

Sistemas de aproveitamento das águas, diminuição do recurso ao plástico, sensibilização das camadas mais jovens para os recursos hídricos são ações que, um pouco por todo o país, têm marcado a ação das Misericórdias junto dos seus utentes e da comunidade em geral.



Objetivo 7
Energias renováveis e acessíveis

Até 2030, aumentar substancialmente a participação de energias renováveis na matriz energética global e duplicar a taxa global de melhoria da eficiência energética.

Há já alguns anos que as Misericórdias têm vindo gradualmente a adaptar os seus equipamentos com vista à melhoria de eficiência energética. No âmbito do Fundo Rainha Dona Leonor, parceria entre Santa Casa de Lisboa e UMP para apoiar projetos de Misericórdias, já foram apoiadas inúmeras iniciativas para criação e melhoria dos sistemas de eficiência energética.

Objetivo 8
Trabalho digno e crescimento económico

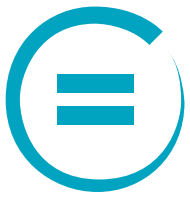
Promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, criação de emprego decente, empreendedorismo, criatividade e inovação.

Desenvolvimento local e coesão social têm sido uma das preocupações das Misericórdias ao longo dos tempos e são muitas as iniciativas que visam potenciar a cultura e os produtos locais. O projeto 'Marca Misericórdia' é disso um exemplo.
Ao valorizar, produzir e comercializar produtos locais, as Santas Casas não só geram recursos financeiros como também promovem os saberes da população local, assegurando ainda a transmissão desse conhecimento para as gerações mais jovens. Canha, Vila Verde, Valpaços, Macedo de Cavaleiros, Fundão, Óbidos, entre outras, são exemplos deste tipo de empreendedorismo.

Objetivo 9
Indústria, inovação e infraestruturas

Desenvolver infraestruturas de qualidade, de confiança, sustentáveis e resilientes, incluindo infraestruturas regionais e transfronteiriças, para apoiar o desenvolvimento económico e o bem-estar humano, focando-se no acesso equitativo e a preços acessíveis para todos.

A atividade das Misericórdias é balizada por dois eixos que se encontram neste ODS. Por um lado, ao desenvolverem a sua atividade, são promotoras de novos equipamentos nas localidades onde estão inseridas. Por outro, enquanto detentoras de património imobiliário secular, as Santas Casas são também responsáveis pela preservação e valorização de edifícios históricos em Portugal. Algumas (Porto e Braga) já foram inclusive distinguidas com o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana.



Objetivo 10
Reduzir as desigualdades

Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, económica e política de todos, independentemente da idade, género, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição económica ou outra.

Reduzir as desigualdades é um desiderato transversal a praticamente toda a ação das Misericórdias. Além do trabalho diário com grupos mais fragilizados em Portugal, as Misericórdias foram as entidades que aceitaram o desafio recente (2015) de receber e integrar refugiados. Ao todo, foram acompanhadas 146 pessoas.

Objetivo 11
Cidades e comunidades sustentáveis

Fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o património cultural e natural do mundo e proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

A refletir sobre o envelhecimento há bastantes anos, a UMP e as Misericórdias têm vindo a chamar a atenção para a necessidade de serem criadas condições de segurança e bem-estar para os idosos. Além da beneficiação dos seus próprios edifícios, estas instituições têm vindo a destacar que as políticas urbanas devem levar em consideração o perfil envelhecido que muito brevemente prevalecerá na maior parte das localidades. O PQCAPI (Programa Qualificação das Comunidades Amigas das Pessoas Idosas) é disso um exemplo.

Objetivo 12
Produção e consumo sustentáveis

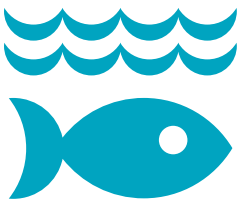
Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e consciencialização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza.

Além da sensibilização da comunidade para questões relacionadas com estilos de vida saudáveis e sustentabilidade ecológica, o Banco das Hortas da Misericórdia de Almeirim visa alimentar quem mais necessita e combater o desperdício de produtos hortofrutícolas deixados nos campos. Com apoio de voluntários, os excedentes de produção agrícola são recolhidos e depois entregues ao Banco Alimentar em Santarém.

Objetivo 13
Ação climática

Melhorar a educação, aumentar a consciencialização e a capacidade humana e institucional sobre medidas de mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce no que respeita às alterações climáticas.

O apelo para a proteção do planeta foi destacado pelo Papa Francisco no âmbito do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que decorreu em 2016. O pontífice afirmou que o ambiente deve ser visto pelos cristãos como uma "nova obra de misericórdia", que se une às 14 tradicionais, para defender a "vida humana na sua totalidade".



Objetivo 14
Proteger a vida marinha

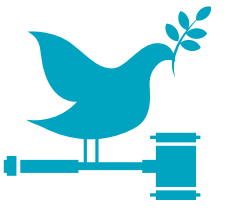
Até 2025, prevenir e reduzir significativamente a poluição marítima de todos os tipos, especialmente a que advém de atividades terrestres, incluindo detritos marinhos e a poluição por nutrientes.

Um exemplo de como as Misericórdias podem ter um papel ativo na proteção dos oceanos e da vida marinha é o projeto 'Desplastificar', da Santa Casa de Almada. O objetivo desta iniciativa é refletir e sensibilizar para esta problemática, mas também atuar. Ainda recentemente um grupo de utentes (idosos e crianças) estiveram numa praia da localidade para recolher objetos de plástico que contribuem para a destruição do ecossistema marinho.

Objetivo 15
Proteger a vida terrestre

Até 2020, integrar os valores dos ecossistemas e da biodiversidade no planeamento nacional e local, nos processos de desenvolvimento, nas estratégias de redução da pobreza e nos sistemas de contabilidade.

Além do seu vasto património imobiliário e cultural, as Misericórdias são ainda detentoras de propriedades agrícolas e/ou florestais. A utilização dessas terras é diversa, mas já existe um exemplo premiado. A Santa Casa de Mora foi distinguida pela WWF Portugal por causa das práticas de sustentabilidade ambiental adotadas na gestão da sua mancha de montado do sobro (floresta constituída por sobreiros). Para além de possuir um ecossistema que presta um serviço fundamental na retenção de carbono, a Herdade da Barroca assume-se como uma fonte alternativa de financiamento para a Misericórdia de Mora através da extração de cortiça, que é certificada, e da venda de frutas e de milho, ambos ali produzidos.



Objetivo 16
Paz, justiça e instituições eficazes

Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes e garantir a tomada de decisão responsável, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis.

Na atualidade as questões relativas à governança transparente são cada vez mais importantes e, por isso, alvo de escrutínio público. Além da implementação do regulamento geral de proteção de dados, a UMP e as Misericórdias estão a trabalhar para a produção de um código de conduta para provedores e mesas administrativas.

Objetivo 17
Parcerias para implementação dos objetivos

Incentivar e promover parcerias públicas, público-privadas e com a sociedade civil que sejam eficazes, a partir da experiência das estratégias de mobilização de recursos dessas parcerias.

A UMP e as Misericórdias têm vindo a privilegiar o diálogo e a formalização de parcerias para a promoção da sua missão. Além da cooperação com o governo em áreas como segurança social, saúde e educação, as Santas Casas e a sua União desenvolvem inúmeros projetos de parceria com entidades públicas e privadas. Em causa está a consciência de que a partilha de saberes pode ser decisiva para a prossecução do bem-comum. VM

QUOTIDIANO

ESTANTE

Contar a história dos doadores

O Regresso dos Mortos – Os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)
Isabel dos Guimarães Sá
Imprensa de Ciências Sociais, 2018

"O Regresso dos Mortos – Os doadores da Misericórdia do Porto e a expansão oceânica (séculos XVI-XVII)" é um livro cuja narrativa relata um conjunto de pequenas histórias sobre doadores que beneficiaram a Santa Casa da Misericórdia do Porto. Da autoria de Isabel dos Guimarães Sá, a obra centra-se nos séculos 16 e 17.
Compreender as transformações das estruturas familiares operadas pela emigração para os "impérios ibéricos" e o modo como a cultura material dos portuenses foi afetada pelo consumo de objetos e substâncias de proveniência colonial são, segundo a autora do livro, os objetivos principais desta obra. Também a forma como os bens materiais são convertidos em bens de natureza espiritual é alvo de reflexão ao longo do livro. Na introdução do livro, Isabel dos Guimarães Sá revela-nos que nas Misericórdias o "tipo de bens trocados" não era sempre da mesma natureza, pois o "doador trocava bens económicos (terras, casas, objetos, dinheiro) por bens espirituais, contratando missas por alma ou promovendo auxilio aos pobres". Mas quando o doador era irmão, "colocava o seu tempo e a sua energia ao serviço da confraria e da prática das catorze obras de Misericórdia, em troca de pertença a uma elite ou outros benefícios que a Misericórdia lhe podia trazer", para além da salvação da alma.
Ao longo do livro é ainda possível perceber de que forma eram feitos os testamentos durante aquele período, como é que funcionavam os sistemas de transmissão de heranças, que tipo de rituais de posse eram feitos quando os doadores já não estavam vivos, como eram os rituais fúnebres dos doadores, entre outros.
Estas e outras peculiaridades sobre a vida e a morte dos doadores da Misericórdia do Porto, que buscavam a salvação da alma, são contadas pela autora ao longo de todo o livro, recorrendo a factos históricos. VM

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Revista da Misericórdia
Vários autores
Misericórdia de Santo Tirso, 2018

A Misericórdia de Santo Tirso lançou a 36ª edição da Revista da Misericórdia. Nesta edição a revista debruça-se sobre as emoções e como elas afetam o dia-a-dia de todos nós, principalmente dos utentes da instituição. Entrevistas, histórias de vida, cultura, projetos e a atualidade da instituição compõem a tiragem.

Violência doméstica e de género
Vários autores
PACTOR, 2018

Esta edição explora a temática da violência doméstica e de género e analisa as exigências e desafios que são impostos aos profissionais na área das ciências forenses, da psicologia e da sociologia. Com o objetivo de contribuir para a compreensão deste tema, a obra pretende ser um guia de conhecimento científico e técnico.

PATRIMÓNIO CULTURAL

Uma viagem pela história da Santa Casa

Nisa No núcleo museológico estão peças cuja diversidade leva-nos por uma pequena viagem pela história da Santa Casa, entre o século XVI e o século XIX

Nisa São mais de 40 as peças que compõem o Núcleo de Arte Sacra do Museu da Misericórdia de Nisa e que permitem aos visitantes percorrer um pouco do que tem sido a história da instituição ao longo dos séculos, as suas vivências cristãs e a sua ligação à comunidade nisense.
Este núcleo museológico foi criado há mais de 20 anos com um duplo objetivo. Dar a conhecer a Santa Casa através de um conjunto de peças de arte sacra, bem como os artefactos de carácter etnológico e arqueológico, e dar início ao processo de conservação e preservação do património da instituição.
Ao chegarmos à Praça do Município, no centro histórico da vila de Nisa, encontramos a igreja da Santa Casa, um edifício do século XVI, de frontaria estreita e com um portal do tipo do Renascimento. É nesse mesmo edifício, mas por uma entrada lateral junto às Portas de Montalvão, que Maria José Casimiro nos leva para dar início à visita ao núcleo museológico.
Maria José Casimiro é a encarregada-geral da instituição, e funcionária há 35 anos, e é quem habitualmente faz o acompanhamento dos visitantes. Assumindo desde logo que não é "historiadora" e que tem "apenas algum" conhecimento do património existente na Santa Casa, conta que as peças de arte sacra que compõem o núcleo foram recolhidas com a colaboração do nisense e especialista em História, José Joaquim Carmona, que foi também o responsável pela descoberta de uma das peças mais admiradas por quem visita o núcleo.
Maria José Casimiro conta que a pintura da Virgem da Misericórdia sobre madeira do século XVI é "uma das mais bonitas e das mais antigas de Portugal". Supõe-se que estaria no altar-mor da igreja, mas quando foi descoberta estava a ser utilizada como vão de escadas, motivo pelo qual apenas foi possível recuperar uma pequena parte desta pintura.
Ao entrarmos no núcleo, que recebe maioritariamente visitas de historiadores, investigadores ou estudantes de história e arte, é-nos sugerido um percurso pela sala que pode ser seguido através da numeração de cada peça e que é acompanhado por um guia em papel com a respetiva descrição.
Ali encontramos uma diversidade de peças que nos levam por uma pequena viagem pela história da Santa Casa, entre o século XVI e o século XIX, através de peças como as insígnias com a Paixão de Cristo e a bandeira da Misericórdia, pintadas a óleo sobre tela, um altar com pedra de ara, um missal romano, um Menino Jesus bastante antigo, várias peças utilizadas na celebração de missas e nas procissões e inclusive o compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Nisa.
No centro da sala, uma estante em vidro guarda orgulhosamente peças cuja beleza nos salta logo à vista: são duas dalmáticas, datadas do século XVII, que os registos encontrados indicam que terá sido oferta do primeiro Marquês de Nisa e que rodeiam uma casula de seda, com composição de inspiração vegetal do século XVI, que é referenciada como tendo sido uma oferta de Vasco da Gama.
Uma das peças que mais se destaca, quer pela dimensão que ganha no espaço, quer por ser a que mais liga a memória do povo de Nisa às tradições cristãs da Santa Casa, surge-nos num dos cantos da sala. É uma imagem de Cristo do século XVII, que antigamente integrava as procissões realizadas pela instituição.
Concluída a visita, voltamos a descer as escadas para a rua e é entre degraus que Maria José Casimiro confessa ao Voz das Misericórdias que o espaço é pequeno e apresenta algumas debilidades que em nada beneficiam a preservação deste espólio, apesar dos arranjos que foram sendo feitos, pois trata-se de um edifício antigo.
Face a esta realidade, e uma vez que possui vários outros edifícios e um vasto património, a Misericórdia de Nisa sonha um dia poder criar um museu, num espaço condigno, que dará a conhecer o seu espólio patrimonial.

TEXTO **PATRÍCIA LEITÃO**

'Uma das mais antigas de Portugal'

Maria José Casimiro conta que a pintura da Virgem da Misericórdia sobre madeira do século XVI é "uma das mais bonitas e das mais antigas de Portugal". Supõe-se que estaria no altar-mor da igreja, mas quando foi descoberta estava a ser utilizada como vão de escadas, motivo pelo qual apenas foi possível recuperar uma pequena parte desta pintura.

Imagem à qual pediam para casar

Uma das peças mais antigas é uma imagem de Cristo do século XVII, que antigamente integrava as procissões realizadas pela instituição.
Maria José Casimiro conta que algumas das utentes mais idosas da Misericórdia recordam com algum carinho, e agradecimento, esta imagem à qual faziam pedidos para que as ajudasse a casar.

O acesso ao núcleo museológico é livre, sendo o espaço visitável entras as 14:00 e as 17:00 de segunda a sexta-feira

Distrito de Portalegre | Património por Misericórdia

	Património Imóvel	Património Móvel	Património Arquivístico	Património Imaterial	Museu/Núcleo Museológico
Alegrete	■	■	■	■	
Alpalhão	■	■	■	■	■
Alter do Chão	■	■	■	■	
Amieira do Tejo	■	■	■	■	
Arez	■	■	■	■	
Arronches	■	■	■		
Avis	■	■	■		
Cabeço de Vide	■	■	■	■	■
Campo Maior	■	■	■		
Cano	■	■	■	■	
Castelo de Vide	■	■	■	■	
Crato	■	■	■	■	■
Elvas	■	■	■	■	
Fronteira	■	■	■	■	
Gáfete	■	■	■		
Gavião	■	■	■	■	
Marvão	■	■	■	■	
Monforte	■	■	■	■	
Montalvão	■	■			
Montargil	■	■	■	■	
Nisa	■	■	■	■	■
Ponte de Sor	■	■	■		
Portalegre	■	■	■		
Sousel	■	■			

Dados validados pelas Misericórdias, sujeitos a atualização

Cano
O arquivo da Misericórdia de Cano possui uma edição do Compromisso da Misericórdia de Lisboa de 1755. Trata-se de um sétimo exemplar a juntar aos seis que até ao momento se conhecem.

Castelo de Vide
Para além da igreja e hospital, pertencem à Misericórdia dois monumentos megalíticos, bem como um dos ex-libris de Castelo de Vide: a judiaria (propriedade conjunta com o município).

Crato
A Casa-Museu Padre Belo alberga uma coleção única, em quantidade e qualidade, de imagens do Menino Jesus.

Elvas
O cemitério de Santa Maria Madalena, pertencente à Santa Casa de Elvas, inclui um raro oratório decorado com um revestimento de azulejos alusivo às almas do purgatório, datado de 1780.

Totais

24
Misericórdias com património imóvel

24
Misericórdias com património móvel

22
Misericórdias com património arquivístico

16
Misericórdias com património imaterial

4
Misericórdias com museu ou núcleo museológico

7
Misericórdias com galeria de retratos

Dar resposta a novos desafios

Angra do Heroísmo e Ribeira Grande inauguraram as obras apoiadas pelo FRDL. Nos Açores, Madalena do Pico também recebeu apoio

TEXTO **SARA PIRES ALVES**

Inauguração A Misericórdia de Angra do Heroísmo inaugurou, no dia 25 de janeiro, as obras de remodelação, ampliação e beneficiação da unidade de medicina física, da unidade de cuidados continuados integrados, da sala de snoezelen e do jardim sensorial. A empreitada foi cofinanciada pelo Fundo Rainha Dona Leonor (FRDL) e pela Direção Regional da Solidariedade Social dos Açores.

Segundo Bento Barcelos, provedor da Misericórdia de Angra do Heroísmo, estas obras surgiram da "necessidade de responder aos novos desafios e objetivos" que são diariamente exigidos às Santas Casas.

Aumentar a capacidade de resposta ao nível da fisioterapia e da reabilitação, melhorar os serviços sociais de saúde e criar novos espaços de trabalho para as equipas de saúde, adequar os espaços para trazer maior bem-estar aos utentes e funcionários e potenciar a mobilidade e o exercício físico nos utentes foram alguns dos objetivos que ficaram cumpridos com o final das obras.

As obras foram comparticipadas pelo FRDL, uma parceria da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e da Santa Casa de Lisboa (SCML), em 140 mil euros e pela Direção Regional da Solidariedade Social dos Acores, em 34 mil euros. Segundo Bento Barcelos, a Misericórdia de Angra do Heroísmo assumiu ainda um investimento na ordem dos 140 mil euros.

Na cerimónia de inauguração estiveram presentes a secretária Regional da Solidariedade Social, Andreia Cardoso, e a responsável da Santa Casa de Lisboa pelo FRDL, Inês Dentinho.

A propósito de uma reunião da URMA (União Regional das Misericórdias dos Açores), marcaram presença na inauguração o presidente da UMP, Manuel de Lemos, e os vogais José Rabaça e Manuel Caldas de Almeida, tendo o último proferido uma conferência sobre a temática das demências.

O projeto da Misericórdia de Angra do Heroísmo é um dos três, até ao momento, apoiados pelo FRDL nos Açores. No dia 15 de janeiro a Misericórdia da Ribeira Grande inaugurou as obras de reabilitação do centro de dia. As obras tiveram um custo de 360 mil euros e para o efeito a Santa Casa contou com um apoio de 140 mil euros do Fundo Rainha Dona Leonor.

Segundo nota da instituição, além de beneficiar o equipamento, a empreitada vai permitir intensificar a promoção de ações intergeracionais e também as condições de segurança, de bem-estar e de comodidade para os idosos.

O equipamento está instalado na antiga Fábrica da Chicória da Ribeira Grande, que é considerada património industrial da cidade. A cerimónia foi presidida pela secretária Regional da Solidariedade Social, Andreia Cardoso, e contou com a presença de Inês Dentinho do FRDL.

A Misericórdia da Madalena do Pico também foi apoiada pelo Fundo Rainha Dona Leonor logo na primeira fase desta iniciativa da SCML. A empreitada de reabilitação do lar para deficientes e do espaço comum exterior a crianças está concluída e a funcionar em pleno desde 2016.

Bento Barcelos considera o FRDL "muito importante", pois as Misericórdias "têm a possibilidade de apresentar as suas candidaturas e verem aprovados os seus projetos". O provedor, que é também o presidente da URMA, expressou ainda o "desejo de que o FRDL continue a ajudar as Misericórdias". A nova fase de candidaturas do FRDL decorre entre 1 de fevereiro e 31 de março e abrange a área social e recuperação de património. VM

Presidente da URMA, Bento Barcelos, considera que o FRDL representa uma ajuda importante para as Misericórdias dos Açores

Póvoa de Lanhoso

Aumento de consultas e cirurgias

O Hospital António Lopes da Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Lanhoso fechou o ano de 2018 com os melhores resultados de sempre ao nível das consultas e cirurgias realizadas. Face a este resultado e segundo nota da instituição, o provedor Humberto Carneiro afirmou que um dos objetivos do hospital para 2019 é potenciar este crescimento, sendo expectável que se verifique um aumento superior a 25% na produção cirúrgica, comparativamente ao ano de 2018.

Reabilitação urbana

Inscrições para prémio nacional

Estão abertas as inscrições de pré-candidatura ao Prémio Nacional de Reabilitação Urbana (PNRU) até ao dia 8 de fevereiro. Após esta primeira fase, a formalização de candidatura tem como data limite o dia 8 de março. Esta iniciativa da Vida Imobiliária e Promevi visa distinguir as intervenções urbanas que contribuem para a qualificação das cidades e o seu impacto na comunidade segundo critérios como o impacto no tecido urbano e na atividade económica da cidade, entre outros.

Vila Verde

Dar pousada a peregrinos sul-coreanos

A Misericórdia de Vila Verde acolheu um grupo de cinco peregrinos que se encontravam perdidos na Vila de Prado. Segundo nota da instituição, os jovens sul-coreanos procuraram ajuda no lar de idosos e foram imediatamente acolhidos. Além de uma refeição quente e um espaço para pernoitar, os jovens asiáticos assistiram a um ensaio do grupo coral da Misericórdia. No dia seguinte, após o pequeno-almoço, o grupo seguiu o seu caminho rumo a Santiago de Compostela.

Tarouca

Novo mandato e certificação da qualidade

A Misericórdia de Tarouca iniciou o ano de 2019 com uma dupla novidade. Os corpos sociais eleitos tomaram posse e a instituição recebeu a certificação de qualidade de duas respostas sociais: CAO e creche. O certificado da norma ISO 9001:2015 foi emitido pela Empresa Internacional de Certificação (EIC), autorizada pelo Instituto Português da Qualidade. Segundo nota da instituição, o objetivo é certificar todas as respostas sociais. "A partir de agora, não somos nós que dizemos aos tarouquenses que prestamos bons serviços", refere a nota.

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO/EDITOR E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151 Lisboa

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

FUNDADOR:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Paulo Lemos

COLABORADORES:
Ana Cargaleiro de Freitas
Filipe Mendes
Patrícia Leitão
Patrícia Posse
Sara Pires Alves

ASSINANTES:
jornal@ump.pt
TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
8.000 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

ASSINATURA ANUAL:
Normal - €10
Benemérita – €20
IMPRESSÃO:
Diário do Minho

Rua de S. Brás, 1 – Gualtar
4710-073 Braga
TEL.: 253 303 170

VER ESTATUTO EDITORIAL:
www.ump.pt/Home/comunicacao/estatuto-editorial/